

PERFIL DO JORNALISTA DO NORDESTE 2023



Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJOR)

Perfil do Jornalista do nordeste 2023

Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinicius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

Perfil do Jornalista do nordeste 2023

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Geimison Maia (Coord. Regional)

Rafael Costa (Coord. Regional)

Diógenes de Luna

Edgard Patrício

Juliana Teixeira

Lígia Coeli Rodrigues

Antonio Pinheiro

Bruno de Castro

Geovane Pereira

Luan Matheus Santana

Rafael Mesquita

Robson Roque

Anézia Lima

Ísmia Kariny Costa



P438 Perfil do jornalista do Nordeste 2023 [recurso eletrônico] : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Geimison Maia (Coord. Regional); Rafael Costa (Coord. Regional); Diógenes de Luna ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

ISBN: 978-85-63190-25-3 (e-book)

1. Jornalismo – Brasil, Nordeste – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil, Nordeste – Aspectos sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil, Nordeste – Aspectos políticos. 4. Jornalistas – Brasil, Nordeste – Indicadores de saúde. 5. Mercado de trabalho – Brasil, Nordeste – Indicadores. I. Maia, Geimison.

CDU: 07.01-057

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
Apresentação	6
1. Introdução e Metodologia	9
1.1 Metodologia e limites da pesquisa.....	10
1.2. Precarização do trabalho no mercado jornalístico	13
2. Características sociodemográficas dos jornalistas	15
3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência	35
3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia.....	35
3.2. O trabalho dos jornalistas em docência	44
3.3. O trabalho dos jornalistas fora da mídia	51
4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança	59
4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança.....	69
5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião	78
5.1 Crença e religião.....	94
6. Características políticas dos jornalistas	97
7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos	109
7.1 Código de Ética e valores.....	138
7.2 Comentários e avaliações da pesquisa	147
Considerações finais.....	157
Referências bibliográficas	159



Apresentação

Quem é a pessoa jornalista da região Nordeste do Brasil? Enunciar esse questionamento é, antes de tudo, colocar no centro das atenções o atual estado de coisas do jornalismo. Carlos Franciscato (2019)¹ observa, a esse respeito, que o jornalismo contemporâneo vem se esforçando em responder a incômodos, desafios e oportunidades que perduram a longo, médio e curto prazos em sua trajetória enquanto profissão e área de conhecimento. Já Rogério Christofolletti (2019) afirma haver em curso uma crise multidimensional do jornalismo e que, para dirimi-la, é preciso olhar cuidadosamente para cada uma das dimensões que a provocam, das quais as mais visíveis são as fragilidades do modelo de negócios e da credibilidade jornalística.

A questão apresentada também nos exige demarcar minimamente no que consiste fazer jornalismo no Brasil. A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, cujo recorte regional dá origem a este relatório, descreve como "muito mais complexa e precária" a situação do jornalismo em nosso país, em face do que se verificou em 2012, ano da primeira edição da pesquisa. A urgência na adoção de estratégias de proteção do emprego, da saúde e do bem-estar dos jornalistas brasileiros é uma das recomendações da pesquisa, que também descortinou perfis profissionais que surgiram com as novas tecnologias e diferenciados tipos de arranjos jornalísticos.

Uma das linhas de força das transformações pelas quais o jornalismo brasileiro passa nos dias atuais são os processos de plataformização (BARROS et al, 2021; GROHMANN, 2020). Esse fenômeno adquire saliência no trabalho de jornalistas em virtude da crescente dependência de plataformas digitais para a realização de diferentes atividades inerentes às rotinas

1 Palestra proferida em 25 de junho de 2019, na Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, durante o Seminário "Ainda é possível falar em Jornalismo?", realizado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP).



de produção, seja em ambientes mais notadamente hegemônicos, seja em arranjos independentes de jornalismo (COSTA et al, 2020). Essa centralidade se evidencia no debate público com a intensa discussão sobre o projeto de lei nº 2630/2022, que busca ampliar a regulamentação e a fiscalização das plataformas digitais no Brasil.

Em paralelo a isso, as entidades representativas dos jornalistas, como a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), buscam fazer avançar o projeto de emenda constitucional que restabelece a exigência de diploma para o exercício profissional do jornalismo, bem como outras medidas que resguardem a sustentabilidade dos negócios do setor, como a taxação das plataformas para a estruturação de um fundo de fomento ao jornalismo e aos jornalistas.

Ajustando a lente para a região Nordeste, terceira maior do Brasil e com 75% da população vivendo com apenas um salário mínimo, um desafio notável é ampliar a presença do jornalismo num cenário de persistente desigualdade. O censo 2021 do projeto Atlas da Notícia revelou que 62,4% dos municípios nordestinos ainda são desertos de notícias — isto é, locais em que não há nenhum veículo jornalístico em funcionamento. É o segundo maior percentual do Brasil, um pouco abaixo da região Norte (63,1%), no primeiro lugar. Contudo, o mesmo levantamento apontou que 71 municípios da região deixaram de ter o status de desertos de notícias, impulsionados pela criação de veículos online e rádios.

Em meio à retração de veículos impressos e ao enxugamento de empresas jornalísticas de maior porte, emergem veículos nativos digitais que se caracterizam pela ênfase em temas locais e regionais, bem como pelo caráter independente e/ou alternativo. Diante dessa configuração peculiar, retomamos nosso questionamento inicial: quem são os sujeitos que se dedicam ao jornalismo no Nordeste? Este relatório, produzido a partir dos dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, traz pistas para a compreensão das características sociodemográficas dos profissionais, suas condições de trabalho, qualidade de vida e indicadores de saúde, entre outros atributos de uma categoria cuja valorização é fundamental para as pretensões democráticas e cidadãos de nossa região e de nosso país.

Ao todo, 504 respondentes tiveram suas respostas consideradas válidas para a elaboração deste relatório, dentre os 3100 que compuseram a amostra nacional. A maioria dos



informantes da amostra vive na Bahia (109 jornalistas), Pernambuco (93) e Ceará (89)². Muitos dos dados analisados ratificam tendências já descritas no relatório de abrangência nacional do Perfil. São evidentes, por exemplo, os indícios de precarização do trabalho de jornalistas, estejam eles dentro da mídia ou fora dela, assim como se pode inferir que o profissional jornalista está mais adoecido, premido pelas jornadas de trabalho mais longas, pela insatisfação com os ganhos salariais ou ainda pelas escassas perspectivas de ascensão funcional.

Ao tempo em que apresentamos este relatório como uma contribuição para o entendimento das dinâmicas do jornalismo no Nordeste, destacamos o apoio de diversos atores sem os quais não seria possível concretizar essa empreitada. O Grupo de Pesquisa PráxisJor, da Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenou, sob a supervisão do professor Edgard Patrício, os trabalhos de análise qualitativa dos dados. Participaram desta etapa professores e discentes da UFC, da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A todos os colegas, deixamos nosso agradecimento mais sincero.

Também expressamos nossos agradecimentos à Janara Nicoletti, da equipe nacional, pela disponibilidade e gentileza em dirimir dúvidas sobre os dados da pesquisa. Deixamos, ainda, uma menção de gratidão a Janaina Visibeli, coordenadora da Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade no Jornalismo (Retij) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), pela parceria na elaboração do relatório e outros trabalhos relacionados ao Perfil. Por fim, gostaríamos de agradecer aos demais envolvidos nesta investigação, desde a divulgação do questionário à finalização dos relatórios, bem como a cada respondente, sem os quais seria inviável concretizar essa publicação. Muito obrigado!

Geimison Maia e Rafael Costa (coordenadores do relatório Nordeste)

² Faremos mais considerações sobre a formação da amostra e as escolhas metodológicas da pesquisa a seguir.



1. Introdução e Metodologia

De um mercado em expansão a um ambiente em retração e reconfiguração. É assim que o relatório nacional do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 define a dinâmica do campo jornalístico no intervalo entre a primeira edição da investigação, em 2012, e a edição mais recente, da qual este relatório regional representa um produto inédito, ausente da primeira pesquisa do Perfil. Sob o signo de uma constante mutação — tecnológica, de valores, de condições de trabalho —, o jornalismo se apresenta como um objeto fugidivo, de difícil caracterização. Exatamente por isso, estipular o ponto de partida de uma pesquisa como esta segue sendo um desafio.

Conforme detalhado no relatório nacional da pesquisa, a inexistência de um órgão que centralize ou monitore a atuação de jornalistas restringiu as opções de construção da metodologia do Perfil. Assim, a estimativa do plano amostral se baseia no mesmo tipo de dado usado na pesquisa de 2012, o quantitativo geral de registros profissionais concedidos pelo Estado, através do antigo Ministério do Emprego e Trabalho (MTE). Ao todo, 142.424 registros profissionais de jornalista foram concedidos em duas décadas. Além desse dado, a coordenação nacional da pesquisa também considerou a quantidade de cursos superiores para formação de jornalistas no Brasil — 327 em dezembro de 2020 — para o desenho inicial da investigação.

O objetivo geral da pesquisa, nesta edição, é investigar e mensurar quantos e quem são os jornalistas brasileiros, no começo desta terceira década do século 21. Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- a) Estimar a divisão da categoria por gênero, cor-raça, escolaridade, salários, função e outros estratos sociodemográficos observáveis;
- b) Analisar as correlações entre os indicadores políticos (autoidentificação ideológica, taxa de sindicalização) e vetores como formação superior e registro profissional;
- c) Aprofundar a interpretação sobre os principais indicadores de precarização do trabalho jornalístico (jornada excessiva, baixos salários, intensidade e vínculo trabalhista);
- d) Examinar o impacto da precarização da profissão sobre os indicadores de saúde dos trabalhadores;
- e) Observar a distribuição geográfica da categoria profissional e os condicionantes



regionais para atuação de jornalistas; e

f) Refletir sobre os efeitos da "crise do jornalismo" na configuração profissional da categoria.

Especialmente em relação ao objetivo e), este relatório busca oferecer contribuição, uma vez que se dedica a lançar um olhar para o Nordeste a partir dos referenciais de pesquisadores e profissionais da própria região.

1.1 Metodologia e limites da pesquisa

A pesquisa de perfil dos jornalistas brasileiros é uma enquete em rede (*online survey*), de participação espontânea, feita pela internet e realizada entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021. A busca por informantes mobilizou profissionais, acadêmicos e outros sujeitos no Brasil. No Nordeste, houve expressiva participação em estados como a Bahia e o Ceará (cada um com mais de 300 respostas registradas), o que permitirá, em breve, a consolidação de relatórios estaduais, oferecendo um panorama inédito, e ainda mais íntimo, da condição das pessoas jornalistas nessas localidades.

O questionário para traçar o perfil da categoria foi concebido colaborativamente pela equipe de pesquisa, formada por investigadores de cinco universidades diferentes, uma em cada região do país. As perguntas foram agrupadas em blocos temáticos, a saber: a) características demográficas; b) características políticas; c) características gerais do trabalho; d) características específicas do trabalho dos jornalistas em cada um dos três segmentos principais da categoria: os trabalhadores em mídia, os trabalhadores fora da mídia e os docentes; e) indicadores de saúde laboral; e f) indicadores de precarização do trabalho.

Não há certeza sobre o número de profissionais jornalistas com registro no Ministério do Trabalho, como mostram Lima e Mick (2022) no relatório nacional desta pesquisa. De todo modo, partiu-se da base de 142.424 mil registros de jornalistas no Brasil, nos últimos 20 anos, para fazer o desenho amostral desta pesquisa, adotando-se "como parâmetro o total de registros profissionais de jornalistas emitidos pelo CIRP entre 2000 e 2019." (LIMA; MICK, 2022, p. 16). Chegou-se, ao final do período de coleta, a 7.029 respostas. A etapa de saneamento eliminou respostas muito incompletas, incoerentes ou de má-fé, resultando em 6.650 respostas válidas, sendo 6.594 no país e 56 de jornalistas que atuam no exterior. Na Região Nordeste, a amostra é de 504 respondentes, distribuídos pelos estados conforme



aponta a Tabela 1. Essa amostra tem margem de erro de 4,3%, a partir dos números de registros profissionais da região.

Tabela 1 - Respostas válidas na Região Nordeste e plano amostral da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021)

UF	Respostas	Amostra	Proporção de registros profissionais (%)
Alagoas	46	29	5,8
Bahia	284	109	21,6
Ceará	302	82	16,3
Maranhão	65	39	7,7
Paraíba	63	44	8,7
Pernambuco	129	93	18,5
Piauí	53	30	6,0
Rio Grande do Norte	121	39	7,7
Sergipe	54	39	7,7
Total	1.117	504	100,0

Fonte: Relatório Perfil do Jornalista Brasileiro 2021

As ressalvas metodológicas da investigação, bem como outros detalhes da composição da amostra, estão descritas nos relatórios das pesquisas de 2021 e 2012 do Perfil. Eles também se aplicam a este relatório, cujo esforço analítico se alicerça nos dados coletados por ocasião da pesquisa nacional. Entre março e junho de 2023, uma equipe de pesquisadores de universidades nordestinas se dedicou à análise dos dados da região, bem como à redação e revisão do relatório. Ao longo desse percurso, marcado por reuniões de alinhamento e discussão coletiva dos achados, refletimos sobre as limitações no trato da questão racial na pesquisa do Perfil, o que motivou o subitem a seguir.



1.1.1 A questão racial

Embora saibamos da possibilidade de componentes raciais e de gênero serem analisados amiúde em estudos posteriores e derivados deste, consideramos que teria sido importante fazê-lo neste momento. Não considerar esses marcadores desde o primeiro momento é admitir que a experiência da(o) jornalista na redação é linear. E não é.

Se o debate sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) nos mostra o quão determinante é o marcador racial para a vida de pessoas não-brancas, a perspectiva da interseccionalidade (COLLINS, 2021) reforça a tese de a raça ser o primeiro fator excludente e nos informa como ele "puxa" outras opressões. O gênero vem em seguida, acompanhado da classe social.

Ter, portanto, estratificados por raça e gênero os dados aqui dispostos nos permitiria uma análise mais detalhada já no primeiro momento de uma pesquisa que se propõe a revelar o perfil racial da imprensa brasileira. No tocante ao Nordeste, isso ganha componentes ainda mais delicados, pois a região é formada por estados como o Ceará, cujo mito da inexistência do povo negro é fortíssima. Do ambiente doméstico ao discurso oficial do Estado, tudo invisibiliza a luta do povo negro num território que foi um dos que mais apresentou respostas ao formulário do nosso estudo.

Ademais, considerar a raça como elemento formador do Brasil (SANTOS, 2022) nos permite colocar lupa sobre um fenômeno social do qual o jornalismo não está imune. Redações são feitas de pessoas e pessoas têm pertença racial. Logo, as relações que se dão nas redações são raciais também e considerar isso é dialogar, por exemplo, com outros levantamentos³ que denunciam a total ausência de pessoas negras em cargos de chefia das grandes redações brasileiras. Todas, absolutamente todas, são geridas por jornalistas brancos(as).

3 Reuters Institute for the Study of Journalism, disponível em: https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/2bcc874f-56d4-4fc6-a8f4-5f94fd615f29/Robertson_et_al_Race_and_Leadership_FINAL.pdf



1.2. Precarização do trabalho no mercado jornalístico

O relatório nacional do Perfil do Jornalista Brasileiro⁴, divulgado em 2022 e com dados coletados em 2021, apontou para a crise pela qual passam os veículos de comunicação no contexto brasileiro e mundial. E isso impacta diretamente o trabalho dos jornalistas, que sofrem um processo de precarização das condições profissionais.

Esse aumento da precarização do trabalho não é um fenômeno exclusivo da comunicação e está inserido dentro de uma reorganização do modelo de produção capitalista desde os anos 1970, quando ocorreram as crises do fordismo e do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*). Assim, ganha terreno o trabalho flexível: “A diminuição dos postos de trabalho efetivos e estáveis não só estão vinculados a um processo mais amplo de precariedade, mas também à afirmação de atividades flexibilizadas e intermitentes, em um contexto que supera o mercado de trabalho e se impõe como modalidade da vida cotidiana.” (VASAPOLLO; MARTUFI *apud* ANTUNES, 2015, p. 16).

Burkhardt (2006), em um estudo sobre os jornalistas *freelancers* da cidade de Porto Alegre (RS), traz um panorama desse momento histórico de transformação do capitalismo. Aquele é o momento de distensão da bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética, com fortes impactos geopolíticos. Há também uma mudança do regime cambial como o fim do “padrão dólar-ouro”. Há ainda as crises do petróleo nos anos 1970. Tudo levou a uma dificuldade de manter o financiamento desses direitos sociais conquistados anteriormente, atingindo em cheio o mundo do trabalho.

De lá para cá, o mundo passou por diversas transformações e uma das principais é relacionada aos avanços das novas tecnologias da informação. O advento da internet revolucionou as formas de se fazer jornalismo, impactando as rotinas de trabalho. Cada vez mais se exige um profissional multimídia, capaz de dominar a linguagem escrita, fotográfica e audiovisual. Mas o acúmulo de funções não foi acompanhado por uma valorização salarial na mesma medida.

Neste relatório que apresenta os dados do Nordeste do Perfil do Jornalista Brasileiro, é possível perceber que o processo de precarização por que passa a profissão é ainda mais

4 Disponível em: <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>>



crítico na região que na média nacional. Os jornalistas nordestinos têm um menor tempo de atuação no mercado de trabalho, salários mais baixos e vínculos profissionais mais instáveis que a média nacional, por exemplo. Além disso, a grande maioria (70,9%) concordaram total ou parcialmente que o ritmo de trabalho a que estão submetidos é muito intenso.

Outro aspecto importante da pesquisa é que ela faz o diagnóstico de um cenário no qual as restrições impostas pela pandemia de Covid-19 ainda existiam, mesmo que em um processo de flexibilização das regras sanitárias. Assim, é possível entender, pelo menos em parte, a partir dos dados extraídos, como esse contexto impactou a atuação profissional e saúde dos jornalistas que exercem suas atividades no Nordeste.

Por exemplo, os profissionais nordestinos, em sua maioria, afirmam se sentir estressados no trabalho (64,6% dos entrevistados). Apesar disso, a minoria (33,6%) informou já ter recebido um diagnóstico médico atestando essa situação. E isso se repete em outros quesitos: apenas 18,5% foram diagnosticados com algum transtorno mental relacionado ao trabalho; 26,1% receberam alguma indicação para tomar antidepressivos; e 19,2% foram diagnosticados com algum sintoma de LER/DORT.

Assim como outros dados que compõem os resultados do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, é preciso avançar no entendimento da realidade desses profissionais por meio de uma abordagem qualitativa. Por exemplo, o baixo índice de diagnósticos de transtornos mentais é um espalhamento de como se encontra a saúde mental dos jornalistas nordestinos? Ou eles têm dificuldades de acesso a um atendimento especializado? Ou mesmo temem que possíveis afastamentos por razões de saúde levem a perda do emprego?

A seguir, iniciaremos a apresentação dos dados relativos aos jornalistas que trabalham no Nordeste, que estão divididos nos seguintes grupos temáticos: 1) características sociodemográficas; 2) trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência; 3) características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança; 4) satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião; 5) características políticas dos jornalistas; e 6) qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos.



2. Características sociodemográficas dos jornalistas

Em análise detalhada sobre a distribuição geográfica dos respondentes, nota-se que a Bahia é o estado com maior concentração de jornalistas (21,6%) no Nordeste, seguida por Pernambuco (18,5%) e Ceará (16,3%). Os demais estados ficam com valores abaixo de 9%, sendo Alagoas (5,8%) e Piauí (6%) aqueles com menor proporção de jornalistas; enquanto igualmente 7,7% residem no Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe; e 8,7% vivem na Paraíba (tabela 2).

Tabela 2 - Em que estado você vive atualmente?

	Frequência	Percentual válido
Alagoas	29	5.8
Bahia	109	21.6
Ceará	82	16.3
Maranhão	39	7.7
Paraíba	44	8.7
Pernambuco	93	18.5
Piauí	30	6.0
Rio Grande do Norte	39	7.7
Sergipe	39	7.7
Total	504	100.0

Conforme tendência já demonstrada na amostragem nacional, a autoidentificação de gênero dos participantes se dividiu quase que totalmente entre feminino (54,4%) e masculino (45,4%). Esses dados correspondem a 99,8% do total de respondentes do Nordeste. Somente uma pessoa (0,2%) se identificou como transexual, sendo a única menção da categoria "Outro" entre os 504 jornalistas participantes (tabelas 3 e 3.1).



Tabela 3 - Com qual gênero você se identifica?

	Frequência	Percentual válido
Outro (s). Qual (is)?	1	0.2
Feminino	274	54.4
Masculino	229	45.4
Total	504	100.0

Tabela 3.1 - Detalhamento da opção "Outro (s). Qual (is)?" da tabela anterior

	Frequência
Transexual	1

Em relação à idade dos participantes, para uma melhor compreensão dos resultados, é possível dividi-los em três grupos com quantidade expressiva de jornalistas: 35,3% dos jornalistas se classificam entre a faixa etária de 31 a 40 anos; 38,8% declararam ter mais de 41 anos; e 26% informaram ter até 30 anos (tabela 4).

Tabela 4 - Você pertence a qual faixa etária?

	Frequência	Percentual válido
Entre 18 anos e 22 anos	11	2.2
Entre 23 anos e 30 anos	120	23.8
Entre 31 anos e 40 anos	178	35.3
Entre 41 anos e 50 anos	92	18.3
Entre 51 anos e 64 anos	94	18.7
Acima de 64 anos	9	1.8
Total	504	100.0



A questão relacionada à cor/raça dos participantes evidenciou que a maioria dos jornalistas nordestinos se identifica como branca (45,8%). Em seguida, consideram-se pardos 37,3% e pretos 14,3%. A opção amarela e indígena foi escolhida por apenas 1,6% e 0,4% dos participantes, respectivamente. Já a opção "Outra, qual?" foi indicada por três pessoas (0,6%), com menções para "mestiça", "mestiço" e "não me defino por cor/raça". Em comparação com a amostragem nacional, percebe-se uma representatividade menor de pessoas que se identificam como brancas e uma concentração relativamente maior de pessoas pardas e pretas (tabela 5).

Tabela 5 - Como você define a sua cor/raça?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	3	0.6
Branca	231	45.8
Preta	72	14.3
Parda	188	37.3
Amarela	8	1.6
Indígena	2	0.4
Total	504	100.0

Tabela 5.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Mestiça	1
Mestiço	1
não me defino por cor/raça	1

Quanto à situação conjugal dos participantes, verificou-se um número expressivo de jornalistas que se declaram solteiros (49,2%). Entre os que se casaram ou vivem em união estável, temos respectivamente 30,6% e 10,9% dos participantes. Há também aqueles que



indicaram ser divorciados (6,7%), separados (2,2%) e viúvos (0,4%). Os resultados são semelhantes ao observado na amostragem nacional, com pouca ou quase nenhuma distinção.

Tabela 6 - Qual o seu estado civil?

	Frequência	Percentual válido
Solteira (o)	248	49.2
Casada (o)	154	30.6
União estável	55	10.9
Separada (o)	11	2.2
Divorciada (o)	34	6.7
Viúva (o)	2	0.4
Total	504	100.0

A ampla maioria dos jornalistas (57,1%) relatou não ter filhos, indicando uma tendência semelhante ao cenário da amostragem nacional, que também apresenta uma maior proporção de profissionais sem filhos. Entre os participantes que afirmaram ter filhos, uma parcela significativa (22,4%) revelou ter apenas um; 12,1% tem dois; e 8,4% tem três ou mais (tabela 6).

Tabela 7 - Você tem filhos?

	Frequência	Percentual válido
Não	288	57.1
Tenho 1 filha (o)	113	22.4
Tenho 2 filhas (os)	61	12.1
Tenho 3 filhas (os)	30	6.0
Tenho mais de 2 filhas (os)	12	2.4
Total	504	100.0

Parcela expressiva (83,3%) dos jornalistas nordestinos afirmaram possuir registro



profissional, o que revela predominância de profissionais regulamentados na região, em contraste com 16,7% que não possuem o registro (tabela 8). Esse resultado aproxima-se do observado nos dados nacionais - 77,3% com registro, uma diferença de 6 pontos percentuais.

Tabela 8 - Você possui registro profissional de jornalista?

	Frequência	Percentual válido
Sim	420	83.3
Não	84	16.7
Total	504	100.0

A questão relativa à escolaridade mostra uma predominância de jornalistas com formação de nível superior (93,7%). Destes, 37,5% correspondem especificamente a categoria de profissionais com ensino superior completo; 34,1% que concluíram alguma especialização; 14,5% que fizeram mestrado; e 0,2% com ensino superior tecnológico completo. Em nível ainda mais elevado de escolaridade, os respondentes que concluíram o doutorado e pós-doutorado representam conjuntamente 7,2% da amostra. Há ainda 5% que estão cursando o ensino superior e 0,2% que estão cursando ensino superior tecnológico. Os outros níveis, que consideram o ensino fundamental, ensino médio e ensino técnico somam 1,4% dos jornalistas (tabela 9).

Tabela 9 - Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

	Frequência	Percentual válido
Ensino Fundamental	1	0.2
Ensino Médio	5	1.0
Ensino Técnico	1	0.2
Ensino Superior cursando	25	5.0
Ensino Superior completo	189	37.5
Ensino Superior Tecnológico cursando	1	0.2



Ensino Superior Tecnológico completo	1	0.2
Especialização	172	34.1
Mestrado	73	14.5
Doutorado	31	6.2
Pós-doutorado	5	1.0
Total	504	100.0

Em característica já percebida na amostragem nacional, os cursos da área de jornalismo são a principal formação dos respondentes, representando 92,3% do total. Também há jornalistas com formação em Rádio e TV (4,8%), Publicidade e Propaganda (2,8%), Relações Públicas (1,8%) e Audiovisual ou Cinema (1%). Além disso, verificou-se uma parcela de 7,3% dos profissionais com formação em áreas mais diversas, conforme indicado na categoria "Outra área. Qual?". Há referências a áreas como Direito (3), Administração (2) e História (2), entre outras (tabelas 10 e 10.1).

Tabela 10 - Qual é sua área de graduação?

	Frequência	Percentual válido
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	465	92.3
Publicidade e Propaganda	14	2.8
Rádio e TV	24	4.8
Relações Públicas	9	1.8
Audiovisual ou Cinema	5	1.0
Outra área. Qual?	37	7.3
Total de respondentes válidos	504	100.0



Tabela 10.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Administração	2
Analista de Sistemas	1
Assessoria de comunicação	1
Ciência da Informação e Linguística	1
Comunicação com habilitação em Jornalismo em Multimeios	1
Comunicação Visual	1
Design	1
design gráfico	1
Designer gráfico	1
Direito	3
Economia	1
Educação	1
Educação Física	1
Estudos de Mídia	1
Filosofia	1
Geografia	1
Gestão de Turismo	1
História	2
Letras - Português	1
Letras e Ciência das Religiões	1
Letras e Produção Cultural	1
Licenciatura Plena em História	1
Marketing	1



Pedagogia	1
PEDAGOGIA	1
Pedagogia com MBA em Jornalismo Político e Mídias Digitais	1
Planejamento e gestão de Redes Sociais para empresas.	1
Produção em Comunicação e Cultura	1
Relações Internacionais	1
Repórter fotográfico	1
Tecnologia da informação	1
Teologia	1
Turismo e hotelaria	1

Quanto ao tipo de universidade/faculdade em que se formaram ou estão se formando, verifica-se uma distribuição significativa entre instituições federais (55,2%) e privadas (45,4%). Esses dados revelam distanciamento marcante em comparação com os resultados obtidos na pesquisa nacional, em que se predomina a formação a partir de universidades/faculdades privadas (60,2%). Os jornalistas nordestinos, no entanto, são oriundos principalmente de instituições federais, segundo observado na amostragem específica da região. De acordo com os dados nacionais, 33,4% dos jornalistas brasileiros estudaram ou estudam em instituições federais. Há ainda 7,3% dos jornalistas do Nordeste oriundos de instituições estaduais. As demais opções, em conjunto, correspondem a 2,4% (tabela 11).

Tabela 11 - Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade?

	Frequência	Percentual válido
Federal	278	55.2
Privada	229	45.4
Comunitária ou similar	4	0.8
Estadual	37	7.3



Confessional	2	0.4
Outro tipo. Qual?	6	1.2
Total de respondentes válidos	504	100.0

Tabela 11.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Curso Mestrado em Comunicação Estratégica na Universidade de Lisboa	1
Internacional Pública	1
Não estou cursando	2
Regional do Nordeste	1
Terminei em 1982	1

Dentro do bloco de perguntas relativas à qualificação e à experiência profissional, a maioria dos respondentes afirma já ter atuado como estagiário de jornalismo, com 84,9% das respostas (tabela 12). Isso está acima, inclusive, do detectado na pesquisa nacional, na qual 74,1% dos jornalistas brasileiros informaram ter estagiado em jornalismo. Esses dados talvez reflitam a obrigatoriedade curricular do estágio durante a graduação.

Tabela 12 - Você foi estagiária (o) de jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Não	64	12.9
Sim, já fui	422	84.9
Sim, sou estagiária (o) atualmente	11	2.2
Total	497	100.0

Com relação à participação em programas de *trainee* em jornalismo, a ampla maioria



nunca participou de algum programa desse tipo (87,5%). Os que já participaram correspondem a 12,1% das respostas. Outros 0,4% estavam atuando em vaga de *trainee* quando responderam ao questionário (Tabela 13). Os resultados são bem semelhantes aos da amostragem nacional e possivelmente apontam que essa é uma porta de entrada para os jovens profissionais ainda pouco utilizada pelas empresas, entidades ou órgãos de comunicação.

Tabela 13 - Você fez *trainee* em jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Não	435	87.5
Sim, já fui	60	12.1
Sim, sou <i>trainee</i> atualmente	2	0.4
Total	497	100.0

Em relação ao período em que os respondentes trabalham como jornalistas, a maioria dos profissionais nordestinos informa que atua há 15 anos ou menos (64,1% das respostas), divididos da seguinte forma, em ordem decrescente: entre 6 e 10 anos, 21,2%; entre 11 e 15 anos, 11,6%; entre 2 e 5 anos, 17,9%; e até 1 ano, 4,4%. No Brasil, o índice de jornalistas que trabalha há 15 anos ou menos cai para 57,4% (tabela 14). Esses números parecem apontar para uma dificuldade ainda mais acentuada de os jornalistas nordestinos se manterem no mercado de trabalho ao longo do tempo.

Tabela 14 - Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista? (Anos completos.)

	Frequência	Percentual válido
Até 1 ano	22	4.4
De 2 a 5 anos	90	17.9
Entre 6 e 10 anos	107	21.2



De 11 a 15 anos	104	20.6
Entre 16 e 20 anos	52	10.3
De 21 a 25 anos	44	8.7
Entre 26 a 30 anos	36	7.1
31 anos ou mais	43	8.5
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	6	1.2
Total	504	100.0

Ainda no bloco de perguntas relativas à qualificação e à experiência profissional, os respondentes informaram a quantidade de vínculos profissionais diferentes que tiveram como jornalistas e/ou docentes. Nesta questão eram considerados como vínculo profissional empregos com carteira assinada, *freelancers* ou contratos de PJ/MEI, sendo eles concomitantes ou subsequentes. As duas respostas com maior frequência foram: de 2 a 5 vínculos, opção escolhida por 52,8% dos respondentes; e de 6 a 10 vínculos, com 26,6% das respostas. Essas também foram as respostas mais escolhidas pelos participantes da pesquisa nacional, com 49,8% e 24,3%, respectivamente.

Tabela 15 - Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, *freelancers* ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

	Frequência	Percentual válido
1	44	8.7
2 a 5	266	52.8
6 a 10	134	26.6
11 a 15	29	5.8



16 a 20	8	1.6
Mais de 20	13	2.6
Nenhum	10	2.0
Total	504	100.0

Ao serem questionados se atuam como jornalistas ou como professores de Comunicação, a maioria respondeu que é jornalista (88,1%). Outros 8,7% responderam que são docentes e 3,2% que são estudantes e fazem estágio ou *trainee*. Interessante notar que outras opções disponíveis não foram selecionadas, diferente do que ocorreu na pesquisa nacional, como: “mudei para outra área profissional”; “não trabalho mais como jornalista porque estou desempregado(a)”; “nunca trabalhei como jornalista ou docente”; “não trabalho mais como jornalista porque me aposentei”; e “não trabalho mais como jornalista porque estou estudando”.

Tabela 16 - Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Percentual válido
Sim, sou jornalista	444	88.1
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	44	8.7
Sou estudante e faço estágio ou trainee	16	3.2
Total	504	100.0

Em relação ao vínculo de trabalho, os tipos mais citados foram carteira assinada (37,9%), cargo comissado (15,9%), servidor público (13,9%), microempreendedor individual (8,5%) e *freelancer* (5%) (tabelas 17 e 17.1). Os demais contabilizam menos de 4% das respostas cada.



Tabela 17 - Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	8	1.6
Carteira assinada (CLT)	191	37.9
Carteira assinada com redução de salário	3	0.6
Carteira assinada com período intermitente	1	0.2
Servidor (a) público (a)	70	13.9
Cargo comissionado	80	15.9
Freelancer	25	5.0
Prestação de Serviço sem contrato firmado	18	3.6
Contrato por hora/aula	2	0.4
Contrato público temporário	19	3.8
Contrato de prestação de serviços	14	2.8
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	12	2.4
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	13	2.6
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	43	8.5
Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	5	1.0
Total	504	100.0



Tabela 17.1 - Detalhamento da opção “outra, qual?” da tabela anterior

Apresento jornal em radio e tenho um blog de noticias	1
Compromisso de Estágio	1
Independente	1
Mei + prestação de serviço sem contrato firmado	1
Sócio de empresa SEM funcionários	1
Sou escritora e blogueira	1
Sou MEI e tenho contrato assinado para a prestação de serviços como repórter. Também faço matérias como freelancer	1
Terceirizado com carteira assinada como assistente administrativo	1

É possível perceber um sinal claro de precarização das condições laborais no Nordeste, inclusive de forma mais intensa que o identificado na pesquisa nacional. Os trabalhadores com regimes mais estáveis de trabalho - CLT e servidores públicos - são 37,9% e 13,9% da amostra do NE, respectivamente - o que representa 51,8% dos respondentes. Todos os demais trabalhadores estão vinculados sem as garantias oferecidas pela CLT ou pelos estatutos de servidores. No relatório nacional, por exemplo, 45,8% dos jornalistas possuíam o vínculo como CLT e 10,5% como servidor público - somando 56,3% da amostra, uma fatia maior que a registrada no NE.

Quando questionados sobre a renda que auferiram a partir do trabalho como jornalistas ou docentes em jornalismo, cerca de 60% dos jornalistas nordestinos declararam receber até R\$ 4.400 - sendo a faixa salarial mais citada a de R\$ 2.201 a R\$ 3.300, com 20,8% das respostas (tabela 18). A efeito de comparação, na pesquisa nacional, 43,6% dos jornalistas brasileiros ganhavam abaixo de R\$ 4.400 e a faixa salarial mais citada era de R\$ 5.501 a R\$ 11.000 (27,1% das respostas). Assim, é possível inferir que os jornalistas nordestinos possuem uma remuneração mais baixa do que a média nacional, apontando para um processo de precarização do trabalho mais intenso na região Nordeste.



Tabela 18 - Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Sem renda	11	2.2
Até R\$ 1100	35	6.9
De R\$ 1101 a R\$ 2200	78	15.5
De R\$ 2201 a R\$ 3300	105	20.8
De R\$ 3301 a R\$ 4400	77	15.3
De R\$ 4401 a R\$ 5500	77	15.3
De R\$ 5501 a R\$ 11000	83	16.5
De R\$ 11001 a R\$ 22000	23	4.6
Acima de R\$ 22001	4	0.8
Não quero informar	11	2.2
Total	504	100.0

Essa situação salarial precária se reflete na incapacidade de a maioria dos jornalistas nordestinos arcarem com as despesas mensais (tabela 19). Apenas 29% conseguem honrar sempre com todos os compromissos e 25,4% citam que conseguem isso somente às vezes. Os demais ficam devendo ou precisam da colaboração de outros familiares/pessoas ou de trabalhos extras para fechar o mês. Já na pesquisa nacional, 40,1% dos jornalistas afirmam que a renda possibilita custear todos os gastos que possuem.

Tabela 19 - Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

	Frequência	Percentual válido
--	------------	-------------------



Sim	146	29.0
Às vezes	128	25.4
Não, fico sempre devendo	74	14.7
Não, mas me viro com trabalhos extras	68	13.5
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	45	8.9
Não, mas recebo suporte dos meus pais	35	6.9
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	8	1.6
Total	504	100.0

Sobre o recebimento de benefícios ou outras formas de suporte, 46% dos jornalistas nordestinos afirmam não ter acesso a nenhuma dessas vantagens. Entre os que recebem, os benefícios mais citados foram plano de saúde (22,8%) e vale (ou auxílio) alimentação (22,4%) (tabelas 20 e 20.1). Aqui percebemos outro contraste com os números nacionais, pois o número de respondentes que não contam com benefícios no País cai para 35,8% do total da amostra.

Tabela 20 - Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal?

	Frequência	Percentual válido
Plano de saúde	115	22.8
Auxílio saúde	35	6.9
Vale (ou auxílio) alimentação	113	22.4
Vale (ou auxílio) refeição	47	9.3
Vale (ou auxílio) transporte	69	13.7
Auxílio creche	16	3.2



Plano de previdência complementar	18	3.6
Participação nos lucros ou resultados	12	2.4
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	49	9.7
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	9	1.8
Apoio jurídico	10	2.0
Apoio psicoterápico	6	1.2
Treinamentos in-company relacionados à atividade que desempenha ou outras relevantes	32	6.3
Nenhum	232	46.0
Outro. Qual?	7	1.4
Total de respondentes válidos	504	100.0
Total de respostas	1274	

Tabela 20.1 - Detalhamento da opção “outro, qual?” da tabela anterior

	Frequência
Acompanhamento odontológico e fonoaudiológico	1
Assistência odontológica	1
auxílio combustível	1
Auxilio Internet e Transporte	1
Não desconto FGTS	1
pago meu plano de saúde	1
Sou aposentada também	1



Quando perguntados sobre a forma de ingresso no trabalho atual (tabela 21), jornalistas do Nordeste participantes da pesquisa revelam que 22,8% foram contratados via processo seletivo da empresa, 20,6% por meio de indicação de colega ou amigo e 17,5% por meio de convite. Os três tipos citados representam 60,9% dos modos de entrada de profissionais nordestinos no mercado de trabalho. Os percentuais e o *ranking* estão muito próximos ao registrado no balanço nacional de dados, que apontavam, respectivamente, 26%, 20,8% e 17,2% para as referências acima listadas, correspondentes a 64% das formas de ingresso. Concurso público segue na quarta posição, com 13,5%, um pouco acima do registro de todo o País, que foi de 10,5%. Depois, temos aqueles que ingressaram após estágio ou *trainee* (5,8%), mantendo o perfil de baixa taxa de entrada no mercado a partir destes programas – nacionalmente o índice é de 5,1%. A lista continua com aqueles que foram contratados via cargo de confiança em órgão público (5,6%), abriram uma empresa (5,4%) ou foram contratados como prestadores de serviços (3,2%). Já o percentual daqueles que entraram em arranjos independentes é quase igual ao que registramos em todo o Brasil - 2,6% no regional frente a 2,7% no nacional.

Ao dividir os jornalistas em três grupos, veremos que, no Nordeste, aqueles que passaram por seleções (*trainee*, concurso e seleção por empresa terceirizada) representam 44,3% dos casos; os que foram indicados, convidados ou são família são 44,3%; e os que empreendem (prestadores de serviço, *freelancer*, voluntários e empresários) alcançam 11,2%. Por fim, as respostas indicativas de "Outro. Qual?" são muito pontuais e basicamente registram duas posições ("estagiária" e "processo seletivo simplificado"), que poderiam ser enquadradas nas respostas objetivas do questionário.

Tabela 21 - Como você ingressou em seu trabalho atual?
(Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	2	0.4
Concurso público	68	13.5
Processo seletivo realizado pelo contratante	115	22.8



Seleção por empresa de recrutamento	11	2.2
Em continuação a estágio ou trainee	29	5.8
Indicação de amigo ou colega	104	20.6
Vínculo familiar	3	0.6
Foi convidada (o)	88	17.5
Contratação como prestador (a) de serviços	16	3.2
Abriu uma empresa	27	5.4
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	13	2.6
Cargo de confiança em órgão público	28	5.6
Total	504	100.0

Ao registrarem a área de ocupação principal (tabela 22), 54,2% dos participantes do levantamento indicaram que atuam na mídia, grupo que faz referência às diversas organizações jornalísticas de variados tamanhos. No apontamento geral do País, este tópico ficou em 57,7%. O resultado da subtração entre os índices nacional e regional é de 3,5%. Por sua vez, jornalistas nordestinos que atuam fora da mídia, aqueles que desempenham suas funções em assessoria de imprensa ou comunicação e produtoras de conteúdo para mídias digitais são 37,7% do grupo estudado, frente a 34,9% encontrado no País, o que pode evidenciar uma tendência regional de migração dos jornalistas para este setor. Para completar, temos os que atuam em docência em cursos de Jornalismo ou em outras áreas, que representam 8,1%, levemente maior que a estatística brasileira, de 7,4%.

Tabela 22 - Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

	Frequência	Percentual válido
--	------------	-------------------



Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística)	273	54.2
Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	41	8.1
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais)	190	37.7
Total	504	100.0



3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência

3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia

A atuação de jornalistas na mídia é caracterizada, em sua maior parte, pelo emprego em meios de comunicação online, em uma clara migração de impressos para suportes digitais, totalizando 55,1% das respostas. O percentual é quase o dobro dos 30,3% atribuídos como postos de trabalho em emissoras de televisão e duas vezes mais do que as funções desempenhadas em emissoras de rádio e meios impressos, que correspondem a 24,3% cada. O trabalho em revista (5,2%), entretanto, compreende o menor percentual de atuação dos profissionais, seguido pelas agências de notícias (9,4%) como meios que menos empregam. Ainda foi possível assinalar a opção "Outros", especificando meios como "assessoria de comunicação", "assessoria de imprensa", além de blogs, monitoramento em mídias digitais, editora de livros, entre outras funções (tabela 23).

Tabela 23 - Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?

	Frequência	Percentual válido
Online	147	55,1
TV	81	30,3
Rádio	65	24,3
Jornal	65	24,3
Outra. Qual?	41	15,4
Agência de notícia	25	9,4
Revista	14	5,2



Total de respondentes válidos	267	100,0
Total de respostas	705	

Tabela 23.1 - Detalhamento da opção "Outra área. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Assessoria de Comunicação	6
Assessoria de imprensa	4
Assessoria	3
Assessoria de comunicação	3
Assessoria de Imprensa	2
ASCOM	1
assessoria	1
assessoria - freelancer	1
assessoria de comunicação	1
assessoria de comunicação para um sindicato	1
Assessoria de imprensa de uma das secretarias do estado	1
Assessoria de imprensa, produzindo para rádio, impresso, redes sociais	1
Blog	1
Blogue, canal literário, livros	1



Editora de Livros	1
Empresa de comunicação	1
HUJB	1
Imprensa	1
Institucional	1
Internet	1
Marketing de uma instituição de ensino superior	1
Monitoramento de mídia	1
Não	1
Núcleo de Difusão Científica (NDC) de Fundação de Amparo à Pesquisa	1
Redes sociais	1
Secretaria de Comunicação do Governo da Bahia	1
Secretaria de Comunicação Estadual	1
Sindicato. Temos site, redes sociais e material impresso	1

As instituições públicas despontam como os principais empregadores de profissionais da mídia no Nordeste, em um total de 27% das respostas. Em seguida se destacam as empresas privadas com atuação regional ou local, com 20,2% e 18,4%, respectivamente. Já as empresas privadas com atuação nacional representam 16,9% dos profissionais. As iniciativas de jornalismo independente empregam 7,9% do total de profissionais - distribuídos em organizações locais (3%), regionais (2,6%), nacionais (1,9) e internacionais (0,4%). Seis trabalhadores atuam na categoria "Empresa privada com atuação internacional", perfazendo 2,2% da amostra. Um total de 3% assinalou a opção "Outras", detalhando atuações em partidos políticos, agência de fotojornalismo, entidade sindical e organizações ligadas a



governos estaduais (tabela 24).

Tabela 24 - Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Porcentagem válida
Instituição pública	72	27,0
Empresa privada com atuação regional	54	20,2
Empresa privada com atuação local	49	18,4
Empresa privada com atuação nacional	45	16,9
Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	12	4,5
Outra. Qual?	8	3,0
Iniciativa de jornalismo independente local	8	3,0
Iniciativa de jornalismo independente regional	7	2,6
Empresa privada com atuação internacional	6	2,2
Iniciativa de jornalismo independente nacional	5	1,9
Iniciativa de jornalismo independente internacional	1	0,4

Tabela 24.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Diversas	1
Agência de fotojornalismo	1
Assessoria	1



Empresa de economia mista da administração indireta do Estado	1
Entidade sindical	1
Estadual	1
Partido político	1
Partido político.	1

Profissionais respondentes do estudo também dimensionaram o tamanho das empresas refletido na quantidade de profissionais que nelas atuam. Os grupos mais representativos são compostos por quem trabalha em empresas consideradas pequenas, contanto com 2 a 4 profissionais (22,5%), e aquelas compostas entre 5 a 10 trabalhadores (20,2%). Organizações maiores, formadas por 11 a 20 profissionais, representam 17,2% da amostra, enquanto empresas de maior porte, com 21 a 50 e outras acima de 51 profissionais, somam 13,9% e 9,7%, respectivamente. É digno de nota as empresas compostas por apenas um profissional que somam expressivos 16,5% da amostra (tabela 25).

Tabela 25 - Quantos jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
De 2 a 4	60	22,5
De 5 a 10	54	20,2
De 11 a 20	46	17,2
Só você	44	16,5
De 21 a 50	37	13,9
Acima de 51	26	9,7
Total	267	100.0



A atuação dos profissionais se concentra em duas funções principais: a de repórter (36,7%) e a de editor (19,1%), que inclui as atividades de editor executivo e assistente. A função de repórter, por exemplo, emprega quatro vezes mais do que a função de “coordenador (a)”, que ocupa a terceira colocação com 9%. As demais funções presentes na pesquisa, por frequência de resposta, são: “produtor(a)”, com 6,7%; “diretor(a)/gestor(a)”, com 5,6%; “chefe de redação” e “gestor de redes sociais”, funções que somam 5,6% dos postos de trabalho, cada; e “repórter fotográfico (a)”, com 2,2%. Abaixo de 1% estão as funções de “colunista” (0,7%), “repórter cinematográfico”, “correspondente” e “editorialista”, com 0,4% cada.

Respondentes que elegeram a opção “outras” indicaram funções profissionais como “assessor (a)”, “blogueira”, “capista web”, “ghost-writer”, “redator (a)”. As respostas por extenso apontam, ainda, para o acúmulo de funções, tais como: “apresentadora, produtora e coordenadora de jornalismo”; “locutor/ operador de áudio”; “redação, criação, revisão de textos, alimentação de mídias sociais, etc.”; “repórter, revisora de conteúdo, produtora de podcast e locutora”. Um profissional atua como “secretário executivo de comunicação”.

Tabela 26 - Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Repórter	98	36,7
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	51	19,1
Coordenador(a)	24	9,0
Outra. Qual?	22	8,2
Produtor (a)	18	6,7
Diretor (a)/Gestor (a)	15	5,6
Chefe de redação	10	3,7
Gestor (a) de redes sociais	10	3,7



Âncora	8	3,0
Repórter fotográfica (o)	6	2,2
Colunista	2	0,7
Repórter cinematográfica (o)	1	0,4
Correspondente	1	0,4
Editorialista	1	0,4
Total	267	100.0

Tabela 26.1 - Detalhamento da opção "Outra - Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Assessor	2
Redatora	2
Apresentadora, produtora e coordenadora de jornalismo	1
Assessora	1
Assessora de comunicação	1
Assessora de Comunicação	1
Assessora de imprensa	1
Assessoria de comunicação	1
Assessoria de imprensa, atuando em diversas áreas citadas acima: repórter, editora, produtora, coordenadora, gestora de rede sociais	1



blogueira	1
Capista web	1
Diversas	1
Ghost-writer	1
Jornalista	1
locutor	1
Locutor/ operador de áudio	1
Redação, criação, revisão de textos, alimentação de mídias sociais, etc.	1
Repórter, revisora de conteúdo, produtora de podcast e locutora	1
Secretário Executivo de Comunicação	1
Todas.	1

Os profissionais de mídia também foram questionados sobre as atividades que desempenham durante um dia normal de trabalho. Como o questionamento permitia mais de uma resposta, os resultados proporcionaram quase quatro vezes mais respostas do que o número de respondentes. A descoberta corrobora com a noção de que o acúmulo de funções tem se tornado uma prática cada vez mais comum na profissão de jornalista. Três atividades são as principais realizadas pela maioria do grupo de jornalistas que trabalham na mídia: 66,3% atuam com reportagem, 62,2% na produção de pautas e 52,8% na edição.

Funções que dizem respeito à assessoria de comunicação representam 30,3%, enquanto atividades relacionadas à gestão de mídias sociais compreendem 27% das funções desempenhadas. Em um contexto de plataforma do Jornalismo, no qual organizações de mídia adotam plataformas de mídias sociais e estratégias voltadas à busca e à agregação de conteúdo, este último dado pode ser um indicativo de que a tradicional tarefa de definir o que se torna ou não notícia nas plataformas pode ser desempenhada por profissionais não jornalistas.



Tabela 27 - Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Reportagem	177	66,3
Pauta / produção	166	62,2
Edição	141	52,8
Assessoria de imprensa	81	30,3
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	72	27,0
Apresentação / Locução	69	25,8
Gestão / Coordenação (de equipes)	65	24,3
Fotografia	54	20,2
Comunicação interna	52	19,5
Planejamento de projetos editoriais	44	16,5
Atividades administrativas	44	16,5
Chefia de redação	35	13,1
Cinegrafia (captação de vídeo)	24	9,0
Diagramação / Design gráfico	21	7,9
Outra (s). Qual (is)?	8	3,0
Total de respondentes válidos	267	100,0
Total de respostas	1053	



Tabela 27.1 - Detalhamento da opção “Outra (s) - Qual (is)” da tabela anterior

	Frequência
Comunicação Visual para o departamento de Marketing	1
Diretor Presidente	1
Distribuição dos destaques na capa do site de notícias	1
Escrevo Briefings e discursos	1
Monitoramento de conteúdos	1
Produção de podcast, locução em rádio, gestão de redes sociais, assessoria de imprensa ME SALVEM	1
Redação de textos	1
resenha gastronômica e fotografia	1

3.2. O trabalho dos jornalistas em docência

De partida, devem-se levar em consideração alguns números da amostragem e certas peculiaridades das graduações em Jornalismo no Brasil. Da segunda dimensão de análise, mais qualitativa, destaca-se que, mesmo que os cursos de graduação em Jornalismo não preparem profissionais para a docência, a pesquisa revela que a sala de aula é um local onde jornalistas atuam profissionalmente. A maioria deles está vinculada aos cursos de Jornalismo ou de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Já em relação aos números, um primeiro adendo diz respeito à amostragem. Os dados levantados são uma fração ainda muito pequena do total de jornalistas-docentes que atuam em cursos de graduação do Nordeste. Deve-se levar em consideração que existem,



atualmente, 127 cursos de Jornalismo ativos na região⁵. O total de respondentes foi de 41, e é em relação a esse valor que foram aplicadas as taxas percentuais deste relatório. Destaca-se, ainda, que a amostragem da pesquisa nacional de 2021 foi de 166 jornalistas que atuavam como professores.

O dado aponta para um fato decisivo para a exatidão das análises: a entrevista estruturada, como método para coleta de dados numéricos, pode reduzir a compreensão do fenômeno por deixar o pesquisador à mercê da motivação dos respondentes, que podem optar por não responder os questionários. Todos os dados que respondem as perguntas da entrevista também podem ser coletados por meio do acesso a bases de dados⁶ e de solicitações de informações às Instituições de Ensino Superior, valendo-se da Lei de Acesso à Informação, que pode ser posta em prática por meio do sistema e-SIC⁷ do Governo Federal.

Observa-se, ainda, que, para algumas perguntas, existem mais respostas do que respondentes. É o caso da questão 28, que contabilizou 48 respostas. Para que se chegasse em um resultado com valor maior que o total de respondentes, levou-se em consideração tanto a possibilidade de vinculação do docente a mais de um curso, quanto o ensino em cursos de outras áreas.

A maior parte dos jornalistas que trabalha como docente leciona em cursos de Jornalismo ou de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. São 33 respondentes, o que indica uma fração de 80,5% do percentual válido. As oito pessoas que não atuam diretamente em cursos de Jornalismo, nove docentes atuam em outros departamentos da Comunicação Social, dois nas Ciências Sociais Aplicadas, excluindo-se, daí, as áreas da Comunicação ou do Jornalismo. Um atua na área de Ciências Humanas, dois na área da Linguística, Letras e Artes e um na área da Comunicação em Saúde (Tabela 28).

5 Dados extraídos e analisados a partir da base de dados gerada por meio da consulta aos cursos de Jornalismo do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Ensino Superior - Cadastro e-MEC. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova#avancada>. Acesso em: 15/05/2023.

6 Como as disponibilizadas pelo MEC, no Censo da Educação Superior, na plataforma e-MEC e na Plataforma Lattes.

7 Acessível desde <https://esic.cgu.gov.br/>



Tabela 28 - Em que área do conhecimento está o curso no qual você, atualmente, leciona?

	Frequência	Percentual válido
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	33	80.5
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	9	22.0
Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	2	4.9
Ciências Humanas	1	2.4
Linguística, Letras e Artes	2	4.9
Outra. Qual?	1	2.4
Total de respondentes válidos	41	100.0
Total de respostas	48	

Tabela 28.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual" da tabela anterior

	Frequência
Comunicação em Saúde	1

A maior parte dos docentes nordestinos atua na profissão há sete anos ou mais, dentro de um intervalo de tempo de 7 a 15 anos. observa-se que há onze jornalistas lecionando entre 11 e 15 anos. Nove, entre 7 e 10. Entre 10 e 20 anos, apenas 4 respondentes. Um leciona a menos de um ano; quatro, de 1 a 3 anos; e outros 4, de 4 a 6 anos (tabela 29). Aqui temos um contraste com os dados nacionais, em que a maior parte dos docentes trabalhava de 11 a 20 anos na profissão.



Tabela 29 - Por quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Menos de 1 ano	1	2.4
1 a 3 anos	4	9.8
4 a 6 anos	4	9.8
7 a 10 anos	9	22.0
11 a 15 anos	11	26.8
16 a 20 anos	4	9.8
21 a 25 anos	2	4.9
26 a 30 anos	1	2.4
mais de 30 anos	5	12.2
Total	41	100.0

A cada respondente foi perguntado com quantas professoras e professores graduadas e graduados em Jornalismo ou em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, aquela pessoa trabalhava. As opções estavam estratificadas em faixas: "só você", "De 2 a 4", "De 5 a 10", "De 11 a 20", "De 21 a 50". Aquela correspondente a "de 11 a 20" foi a mais escolhida, com 19 respostas, o que corresponde a 46,9% do total.

Um cálculo pode ser feito para estimar a quantidade de jornalistas-docentes, levando-se em consideração o total da amostragem. Se existem 19 docentes trabalhando com cerca de 11 a 20 docentes-jornalistas, uma estimativa possível é que existem, nessa frequência, cerca de $19 \times 16,5$ jornalistas atuando como professoras e professores, sendo 16,5 a média aritmética do intervalo de 11 a 20. Nesse modelo, não está sendo considerada a possibilidade de um dos respondentes trabalhar com outro, seja no mesmo curso ou em outro, o que diminuiria o valor calculado. Apenas nessa faixa, teríamos o número de 313 jornalistas atuando como docentes.



Três respondentes indicaram que apenas eles são docentes formados na área de Jornalismo ou Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Como, na amostragem, há 15 docentes que atuam em cursos de outras áreas, infere-se que esses três respondentes, 20% desse total, estão dentro desse subconjunto. Trabalhar junto a um corpo docente mais robusto, com mais de 21 profissionais graduados na área, faz parte da experiência profissional de apenas 4 docentes (tabela 30).

Tabela 30 - Quantas(os) professoras(es) graduadas(os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
Só você	3	7.3
De 2 a 4	6	14.6
De 5 a 10	9	22.0
De 11 a 20	19	46.3
De 21 a 50	4	9.8
Total	41	100.0

Mais da metade dos entrevistados trabalha em universidades federais. São 23, o que corresponde a 56,1% do total e 17,1%, nas universidades de iniciativa privada. O relatório nacional mostrava uma distribuição mais equilibrada entre docentes vinculados às universidades públicas (29,5%) e às universidades de iniciativa privada (28,3%).

Além disso, a quantidade de tipos de instituições de ensino superior também é menor no Nordeste. Nacionalmente, os entrevistados informaram trabalhar em universidades federais (47), universidades de iniciativa privada (49), centros de ensino superior privados (18), universidades estaduais (16), universidades confessionais (15), faculdades de iniciativa privada (15), universidade comunitária ou similar (11), centro de ensino superior confessional (3), universidade municipal (2), faculdade comunitária ou similar (1), faculdade estadual (1), faculdade municipal (1), centro de ensino superior comunitário ou similar (1), centro de ensino superior municipal (1), outra (5, distribuídos entre curso técnico, cursos livres, educação profissional, fundação e leciono em cursos).



No Nordeste, os entrevistados estavam vinculados a universidades federais (23), universidades de iniciativa privada (7), universidade estadual (8), faculdade de iniciativa privada (1), centro de ensino superior (4) e serviço de produção de conteúdo para EAD (1) (tabela 31).

Tabela 31 - Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?

	Frequência	Percentual válido
Universidade Federal	23	56.1
Universidade de Iniciativa Privada	7	17.1
Universidade Estadual	8	19.5
Faculdade de Iniciativa Privada	1	2.4
Centro de Ensino Superior Privado	4	9.8
Outra. Qual?	1	2.4
Total de respondentes válidos	41	100.0
Total de respostas	44	

Tabela 31.1 - Detalhamento da opção "Outra. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Serviços de produção de conteúdo para EAD	1

Um último dado no perfil dos jornalistas-docentes diz respeito à vinculação deles aos programas de pós-graduação *strictu sensu*. A maioria não está vinculada, cerca de 70% da amostragem, fenômeno que se repetiu nacionalmente, cujo relatório descreveu o mesmo cenário. Do cerca de um terço que leciona em pós-graduações, 14 respondentes, 5 estão



vinculados à pós-graduação em Jornalismo; 6 na área da Comunicação; um em Dança; um em Direitos Humanos; e um em Inovação (tabela 32).

Tabela 32 - Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação strictu sensu?

	Frequência	Percentual válido
Não	28	68.3
Sim, em Jornalismo	5	12.2
Sim, na área da Comunicação	6	14.6
Sim, em outra (s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	3	7.3
Total de respondentes válidos	41	100.0
Total de respostas	42	

Tabela 32.1 - Detalhamento da opção "Sim, em outra(s) área(s) do conhecimento. Qual(is)?" da tabela anterior

	Frequência
Dança (PPGDança/UFBA) - mestrado acadêmico e doutorado	1
Direitos Humanos	1
inovação	1



3.3. O trabalho dos jornalistas fora da mídia

No universo dos jornalistas nordestinos pesquisados, mais de um terço (37,7%) trabalha fora da mídia, em atividades como: assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico. Esse percentual é, inclusive, maior que o registrado nacionalmente, com 34,9% dos jornalistas declarando que trabalham fora da mídia.

No Nordeste, cerca de metade dos jornalistas que atuam fora da mídia informa trabalhar em assessorias de imprensa (51,1%), seguido por empresas e órgãos públicos (19,6%) e agência de comunicação (10,9%) (tabela 33). Aqui seria interessante averiguar, por meio de entrevistas com os respondentes, se há certa ambiguidade nos itens, pois o ramo “assessoria de imprensa” pode ter uma intersecção com os demais, sendo área ou departamento de empresas privadas, de órgãos públicos e de agências, por exemplo. De toda forma, o dado mostra o peso da atividade de assessor de imprensa entre os jornalistas que trabalham fora da mídia no Nordeste.

Tabela 33 - Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	2	1.1
Assessoria de imprensa	94	51.1
Agência de comunicação	20	10.9
Agência de publicidade	3	1.6
Outras instituições privadas	18	9.8
Empresas ou órgãos públicos	36	19.6
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	11	6.0
Total	184	100.0



Tabela 33.1 - Detalhamento da opção "Outro, qual?" da tabela anterior

	Frequência
Assessoria de comunicação	1
Expert em Interação	1

Em seguida, a pesquisa questionou como os jornalistas que atuam fora da mídia caracterizam a instituição em que trabalham (tabela 34). As principais respostas estão relacionadas com organizações públicas: instituição pública estadual (25,5%), instituição pública federal (13%) e instituição pública municipal (12,5%) - somando as três opções, temos 51% dos respondentes. Isso contrasta com a pesquisa nacional, na qual 38,7% das respostas incluíam instituições públicas de um dos três entes da federação. Essa diferença parece apontar para uma fragilidade regional do mercado privado fora da mídia em relação nacional, fazendo com que os profissionais busquem alternativas de trabalho em órgãos públicos.

Tabela 34 - Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?

	Frequência	Percentual válido
Microempreendedor (a) Individual	14	7.6
Microempresa privada	8	4.3
Pequena empresa privada	18	9.8
Média empresa privada	22	12.0
Grande empresa privada	17	9.2
Instituição pública municipal	23	12.5
Instituição pública estadual	47	25.5
Instituição pública federal	24	13.0
Instituição pública internacional	1	0.5



Propriedade mista (público-privada)	10	5.4
Total	184	100.0

Entre os que atuam em órgãos públicos, a maioria trabalha no Executivo (29,6%), seguido por Legislativo (29,6%), Ministério Público (2,2%) e Judiciário (0,6%). Já 12,8% informaram a opção “outro” e 44,7% disseram não atuar em órgão público (tabela 35).

Tabela 35 - Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder.

	Frequência	Percentual válido
Outro (especifique)	23	12.8
Não atuo em órgão público	80	44.7
Legislativo	18	10.1
Executivo	53	29.6
Judiciário	1	0.6
Ministério Público	4	2.2
Total	179	100.0

Tabela 35.1 - Detalhamento da opção “outro (especifique)” da tabela anterior

	Frequência
Autarquia	1
Autarquia Federal	1
Autarquia pública	1
Conselho de Classe	1
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco	1



Defensoria Pública do Estado	1
Educacional	1
Em meu primeiro estágio/emprego, atuei no poder municipal.	1
Em sindicato	1
Embrapa	1
Empresa Pública CBTU	1
Fundação Oswaldo Cruz	1
IBGE	1
Instituição de pesquisa	1
Mandato parlamentar	1
Organização Social de Saúde	1
Polícia Militar do Estado de Sergipe	1
Presto serviço de assessoria para políticos e instituições	1
Secretaria Estadual	1
Segurança	1
Sindicato	1
Sindicato trabalhista	1
Universidade e Fundação	1

Quando questionados sobre o tamanho das equipes em que trabalham, a maior parte dos jornalistas (89,1%) que atuam fora da mídia relata trabalhar com até 10 outros profissionais, divididos da seguinte maneira: de 2 a 4 jornalistas, 39,1%; só você, 38,6%; e de 5 a 10 jornalistas, 11,4% (tabela 36). Esse dado por vir a ser outro indicador de precarização do trabalho, com profissionais trabalhando em equipes pequenas e, por consequência, sobrecarregados.



Tabela 36 - Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
Só você	71	38.6
De 2 a 4	72	39.1
De 5 a 10	21	11.4
De 11 a 20	14	7.6
De 21 a 50	3	1.6
Acima de 51	3	1.6
Total	184	100.0

Ao responderem em qual função atuam, a maioria escolheu o item “assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)”, com quase metade das respostas (48,4%) (tabela 37). Depois, temos produtor de conteúdo (16,3%) e gestor de área ou de comunicação (14,7%). As demais opções registraram, cada uma, menos de 5% das respostas (tabela 37).

Tabela 37 - Qual é a sua função?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	8	4.3
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	89	48.4
Produtor (a) de conteúdo	30	16.3
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	27	14.7
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	2	1.1
Consultor (a)	3	1.6
Gestor (a) de conteúdos	8	4.3
Gerente/coordenador (a) de projetos	3	1.6



Gerente/monitoramento de redes sociais	3	1.6
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	3	1.6
Relações Públicas	2	1.1
Repórter	6	3.3
Total	184	100.0

Tabela 37.1 - Detalhamento da opção "outra, qual?" da tabela anterior

	Frequência
Analista de comunicação, radialista - apresentação e produção,, designer, fotografa, gestor de mídias sociais	1
Assessor de imprensa, RP, fotografo, repórter, Marketing, gestor de conteúdo, etc..	1
Assessoria de comunicação, repórter e produção de conteúdo para mídias sociais	1
de tudo um pouco.	1
Editor de mídias	1
Faço todas as funções acima, dependendo da necessidade	1
Mestre de cerimônias	1
O cargo comissionado é gerente executiva, mas atuo como jornalista	1



O item seguinte questionou os respondentes sobre as atividades que realizam em um dia normal de trabalho e, por permitir a marcação de mais de um item, temos várias opções com percentuais elevados de resposta, como: produção de conteúdo (90,8%), assessor de imprensa/comunicação (atendimento) (78,3%), monitoramento de redes sociais (58,2%), gestão de conteúdos (53,3%) e reportagem (51,6%).

Com menos de 50% das respostas, temos: gestão de área e/ou comunicação (47,3%), edição (41,3%), fotografia (39,7%), relações públicas (29,3%), marketing digital e/ou *inbound* marketing (23,4%), design gráfico (17,4%), gestão de projetos (15,2%), consultoria (14,1%). Os demais itens tiveram menos de 10% das respostas cada (tabela 38).

Essa miríade de atividades desempenhadas pelos profissionais que atuam fora da mídia aponta para o acúmulo de funções, principalmente por conta da necessidade de produção de conteúdo multimídia. Isso exige que os profissionais dominem áreas como apuração de conteúdo, escrita de reportagens e edição; fotografia; design; marketing; relações públicas; e produção de conteúdos e monitoramento de redes sociais. Esse é mais um indicador que aponta para um processo de precarização da atividade dos jornalistas.

Tabela 38 - Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	144	78.3
Produção de conteúdo	167	90.8
Gestão de área e/ou comunicação	87	47.3
Consultoria	26	14.1
Planejamento de negócios	13	7.1
Gestão de conteúdos	98	53.3
Gestão de projetos	28	15.2
Monitoramento de redes sociais	107	58.2



Marketing digital e/ou Inbound Marketing	43	23.4
Relações Públicas	54	29.3
Reportagem	95	51.6
Fotografia	73	39.7
Cinegrafia	17	9.2
Design gráfico	32	17.4
Edição	76	41.3
Outra (s). Qual (is)?	6	3.3
Total de respondentes válidos	184	100.0
Total de respostas	1250	

Tabela 38.1 - Detalhamento da opção “outra(s), qual(is)” da tabela anterior

	Frequência
Acompanhamento e gestão de eventos	1
Orientação e acompanhamento de estagiários	1
Participação de Conselhos de Controle Social	1
preparação de oficinas, planejamento de atividades, desenvolvimento de campanhas, transmissões ao vivo, suporte técnico de reuniões virtuais, redação de material institucional,	1
Produção de notas técnicas	1
Produção de pautas	1



4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança

Em relação ao tempo em que atuam em seu trabalho principal, 28,6% dos profissionais jornalistas no Nordeste informam que estão em um período de até 1 ano. Depois, aparecem aqueles que estão de 3 a 6 anos, com 19,4%. Entre 1 e 3 anos, se situam 18,2% dos profissionais. Somadas as três faixas, temos que 66,2% dos jornalistas do Nordeste estão em seu trabalho principal há menos de 6 anos. Esse dado aponta que, em relação aos dados nacionais (nessa faixa se encontram 67,1% dos jornalistas brasileiros), o Nordeste apresenta-se parelho quando se leva em consideração a longevidade dos profissionais jornalistas em seu trabalho principal.

Na outra ponta, os profissionais nordestinos que permanecem em seu trabalho principal por mais de 20 anos correspondem a 6,2%, o que evidencia o processo de juvenilização dos ambientes de trabalho, com a demissão de profissionais com mais experiência e maiores salários (tabela 39). Esse movimento traduz-se em temeridade em se tratando do fortalecimento da cultura profissional, que aponta para a troca de conhecimentos entre profissionais mais experientes e quem acessa o mercado de trabalho mais recentemente como um de seus pilares.

Tabela 39 - Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?

	Frequência	Percentual válido
Outro (especifique)	4	0.8
Até 1 ano	140	28.6
Entre 1 e 3 anos	89	18.2
De 3 a 6 anos	95	19.4
Entre 6 e 10 anos	69	14.1
De 10 a 20 anos	62	12.7
Entre 20 e 30 anos	18	3.7



Mais de 30 anos	12	2.5
Total	489	100.0

Tabela 39.1 - Detalhamento da opção “Outro (especifique)” da tabela anterior

	Frequência
5 meses	1
7 meses	1
Com CLT, 3 semanas. Com estágio, 2 anos e 8 meses	1
Há dois meses	1

Quase metade (49,7%) dos profissionais jornalistas do Nordeste executaram em casa seu trabalho principal nos seis meses anteriores à realização da pesquisa. Deve-se levar em consideração o período de aplicação do questionário, que ocorreu entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021, em plena vigência da pandemia da Covid-19. Há um contraste em relação aos dados nacionais da pesquisa, que apontaram 62% dos profissionais nessa mesma situação. Alguma deficiência de infraestrutura tecnológica, na região Nordeste, poderia explicar a dificuldade de os ambientes de trabalho apostarem mais efusivamente no teletrabalho. A pesquisa aponta ainda que 28,8% dos profissionais jornalistas do Nordeste trabalharam somente na empresa ou outro local de trabalho, e 17,6% parte em casa e parte na empresa ou outro local de trabalho (tabela 40). A pesquisa não chega a detalhar qual a parte relativa ao trabalho em casa ou na empresa ou outro local de trabalho, o que poderia qualificar os dados.



Tabela 40 - Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Onde?	3	0.6
Em casa	243	49.7
Em empresa ou outro local de trabalho	141	28.8
Em local público com acesso à Internet	7	1.4
Em local privado com acesso à Internet	9	1.8
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	86	17.6
Total	489	100.0

Tabela 40.1 - Detalhamento da opção "Outro. Onde?" da tabela anterior

	Frequência
Estou de licença	1
Hj, no local de trabalho. Antes, estava afastada.	1
Na empresa	1

O próximo questionamento se relaciona diretamente com a perspectiva de trabalho em *home office*, pois considera os últimos seis meses do trabalho principal do jornalista. Mais da metade dos respondentes (51,5%) indicaram que, considerando os seis meses anteriores, a sua infraestrutura de trabalho foi custeada pelos próprios profissionais, o que repete



o quadro nacional (47%) e sugere as deficiências infraestruturais dos ambientes de trabalho ou um movimento deliberado das empresas na tentativa de redução de custos de produção (tabela 41). A se observar que não são apenas os equipamentos os envolvidos nesse rateio. Ao assumir custear sua infraestrutura, entram na conta dos profissionais gastos com eletricidade e manutenção dos equipamentos, o que pode encarecer ainda mais sua jornada de trabalho. Essas respostas podem sofrer influência do segmento ocupacional de profissionais jornalistas *freelancer*, o que gera necessidade do cruzamento dessas informações.

Tabela 41 - Os equipamentos, móveis, *softwares* e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	2	0.4
Instituição/empresa para a qual trabalho	160	32.7
Por mim mesma (o)	252	51.5
Parte por mim e parte pela instituição contratante	67	13.7
Por familiares	8	1.6
Total	489	100.0

Tabela 41.1 - Detalhamento da opção "Outro. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Nao estava em home office	1
Uso meu equipamento pessoal e da empresa	1



Quase metade (48,9%) dos profissionais jornalistas mantêm um único emprego (ou fonte de renda) quando se leva em conta seu trabalho principal (tabela 42). Quase o mesmo percentual se verificou nos dados nacionais (52,7%). No entanto, esse dado não pode ser considerado como indicativo de boas condições de trabalho. Ressalte-se que pesquisas realizadas no período pandêmico têm evidenciado o aumento do número de horas trabalhadas diariamente, em correspondência ao trabalho em *home office*. De certa maneira, a adaptação ao trabalho remoto requereu do profissional jornalista um esforço de adaptação, o que poderia ter resvalado para uma maior carga horária diária para cumprir as mesmas tarefas. No entanto, relatos apontam que, mesmo cessado o teletrabalho, a precarização permaneceu, representada por extenuantes jornadas laborais. Destaque-se, ainda, que 3,7% dos profissionais possuem três empregos/fontes de renda relacionados a seu trabalho principal, e que inimagináveis 2,7% possuem quatro ou mais!

Tabela 42 - Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

	Frequência	Percentual válido
Um	239	48.9
Dois	158	32.3
Três	36	7.4
Quatro ou mais	13	2.7
Atuo como freelancer	15	3.1
Nenhum	28	5.7
Total	489	100.0

Para os profissionais de jornalismo que têm mais de um emprego/fonte de renda, seguir trabalhando na mídia nessas atividades secundárias (36,48%) continua sendo a opção mais escolhida (tabela 43). No entanto, ressalte-se a proximidade que a opção por trabalhar fora da mídia alcança (32,88%). O menor número de estabelecimentos que oferecem cursos



de graduação na área no Nordeste pode justificar que o percentual de profissionais dedicados à docência na região (5,85%), o que representa praticamente a metade (9,6%) do alcançado nacionalmente.

Causa ainda preocupação o fato de que 20,77% dos profissionais jornalistas que admitiram ter ocupação/fonte de renda secundária optarem por desenvolver essa outra atividade em um ambiente laboral fora do jornalismo ou qualquer função relacionado a ele. É impressionante 1/5 da categoria que pode estar desiludido dos rumos da profissão! Novamente esse dado segue a tendência apresentada pelos dados nacionais (21,6%). Quando instados a definirem qual seria a atividade secundária fora do jornalismo, há uma pulverização de opções, com a nomeação de 45 atividades secundárias. No entanto, esse detalhamento merece uma mirada mais cuidadosa, frente as peripécias de respostas a questões abertas.

Mesmo admitindo que essas atividades secundárias não têm relação com o jornalismo, algumas respostas lançam dúvidas sobre isso. Exemplos são as atividades mencionadas de produção de podcasts, social media ou mesmo “Faço alguns releases/assessorias de imprensa de lançamentos musicais por fora”. Mesmo optando por uma área ‘Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele’, a partir da(s) atividade(s) secundária(s), muitas das indicações certamente incorporam o conhecimento jornalístico a essa outra atividade, como ‘assessoria política’, ‘consultoria no audiovisual’, ‘fotografia social’, ‘influenciadora digital’. Desilusão mesmo com a profissão demonstram aqueles que optaram por exercer, como outra(s) atividade(s), e aqui não vai nenhuma valoração em relação a essas atividades, mas apenas o distanciamento que mantêm da formação em jornalismo, atividades como ‘aluguel de imóveis’, ‘sacerdócio’ ou ‘venda de comida’.

Tabela 43 - Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária?

	Frequência	Percentual válido
Só tenho um trabalho	10	4.5
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	81	36.48



Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	13	5.85
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento)	73	32.88
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	45	20.27
Total	222	100

Tabela 43.1 - Detalhamento da opção "Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?" da tabela anterior

	Frequência
Acadêmica	1
adm	1
Advocacia	1
aluguel de imóveis	1
aposentado	1
Aposentadoria	1
Arte	1
Artes Plásticas	1
Assessoria política	1
Bolsista - Capes / pesquisador / Pós-graduação	1
comércio	1
Consultoria no audiovisual	1



Design de Informação no setor Jurídico	1
Direito	1
Empreendedora	1
Empresa voltada para ações sociais	1
engenharia	1
Escrevo livros	1
Faço alguns releases/assessorias de imprensa de lançamentos musicais por fora	1
Formação de jovens para organização social	1
Fotografia social	1
gerência de alugueis	1
Ilustração e edição literária	1
Imóvel alugado	1
Influenciadora digital	1
Investimento	1
Música	1
Podcast	1
Produção cultural	1
Produção de eventos corporativos	1
Professor particular de inglês e espanhol	1
Psicanalise	1
Recebo pensao	1
Revisão textual	1
Rh	1
Sacerdócio	1



Servidor público	1
Social media	1
Sou aposentada também	1
Sou empresário do ramos de beleza feminina	1
Tecnologia da Informação	1
Trabalho numa unidade socioeducativa em outra profissão. Sou Assistente Social	1
varejo/vendas	1
Vendas + hospedagem por app	1
vendo comida	1

O exercício profissional do jornalismo está previsto Decreto-Lei nº 972/69, por sua vez regulamentado pelo Decreto nº 83.284/79. O Decreto, em seu art. 15, afirma que “O salário de jornalista não poderá ser ajustado nos contratos individuais de trabalho, para a jornada normal de 5 horas, em base inferior à do salário estipulado, para a respectiva função em acordo ou convenção coletiva de trabalho, ou sentença normativa da Justiça do Trabalho”. Daí que regulamenta a jornada regular de trabalho do jornalista como sendo de 5 (cinco) horas. A reestruturação produtiva pela qual passa o capitalismo, e, por consequência, as empresas jornalísticas, afeta essa determinação. Assim, 74,6% dos profissionais jornalistas do Nordeste trabalham mais de seis horas diárias, embora as horas extras também sejam regulamentadas pela legislação, que muitas vezes não é seguida. Esse percentual poderia ser ainda maior, porque um dos itens possíveis de resposta estabelece a carga horária ‘Entre 5 e 6 horas’, o que gera imprecisão e não entrou no cálculo de quem trabalha mais de 5 horas diárias. O segmento mais representativo é aquele que trabalha entre 7 e 8 horas, representando 40,1% dos profissionais. Depois, de 9 a 10 horas, com 21,8%. Um percentual de 3,8% trabalham impressionantes 13 horas ou mais (tabela 44). A interpretação dessas respostas deve levar em consideração que essa carga horária de trabalho pode ser exercida não apenas com o jornalismo, uma vez que 20,27% desses profissionais exercem outra(s) atividade(s) sem qualquer relação com o jornalismo.



Tabela 44 - Em média quantas horas você trabalha por dia?

	Frequência	Percentual válido
Até 4 horas	22	5.2
De 5 a 6 horas	86	20.2
Entre 7 e 8 horas	171	40.1
De 9 a 10 horas	93	21.8
Entre 11 e 12 horas	38	8.9
13 horas ou mais	16	3.8
Total	426	100.0

Em torno das folgas de trabalho, o segmento mais representativo da categoria ainda se encontra dentro da 'normalidade', pois 31% dos profissionais jornalistas respondentes do Nordeste indicaram ter 8 folgas do trabalho mensais. Depois, vêm os com 4 folgas mensais, representando 18,5%. Esses dados seguem a tendência nacional da pesquisa. Outro dado representativo é que 11,3% dos profissionais jornalistas do Nordeste têm apenas 2 folgas mensais. Tomando-se os extremos, 11,% não conseguem ter NENHUMA folga no trabalho que realizam, certamente representados por aqueles que trabalham 13 horas ou mais (3,8%), possuem 4 ou mais trabalhos (2,7%) ou se enquadram na categoria de *freelancer* (3,1%). Na outra ponta, 1,9% declarou ter 12 folgas de 24 horas ininterruptas em um mês de trabalho (tabela 45).

Tabela 45 - Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

	Frequência	Percentual válido
0	47	11.0
1	12	2.8



2	48	11.3
3	10	2.3
4	79	18.5
5	13	3.1
6	48	11.3
7	16	3.8
8	132	31.0
9	2	0.5
10	8	1.9
11	3	0.7
12	8	1.9
Total	426	100.0

4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança

Assim como nacionalmente, o recorte regional Nordeste evidencia que a maior parte dos jornalistas participantes do levantamento (64,6%) sente estresse no trabalho – no Brasil são 66,2%. No entanto, o percentual de profissionais nordestinos que já tiveram estresse diagnosticado é bem inferior, chegando a 33,6%, cenário totalmente divergente do quadro brasileiro, no qual 65,9% receberam esse diagnóstico. Noutra pergunta do mesmo gênero, 18,5% responderam que receberam o diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho – 20,1% no relatório nacional (Tabelas 46 a 48).

Tabela 46 - Você se sente estressada (o) no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	275	64.6
Não	151	35.4



Total	426	100.0
-------	-----	-------

Tabela 47 - Você já foi diagnosticada (o) com estresse?

	Frequência	Percentual válido
Não	283	66.4
Sim	143	33.6
Total	426	100.0

Tabela 48 - Você já foi diagnosticada (o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Não	347	81.5
Sim	79	18.5
Total	426	100.0

Na região, o consumo de antidepressivos se apresentou menor que a média brasileira (31,4%), com 21,1% dos jornalistas informando que já utilizaram este tipo de medicação. Por sua vez, 19,2% indicam diagnóstico de algum sintoma de LER/DORT – nacionalmente esse dado foi equivalente, ficando em 19,9%. Sobre pegar licença de trabalho por esses problemas de saúde, 5,9% dos nordestinos informam que já necessitaram – no Brasil 7,4% apontavam essa demanda (Tabelas 49 a 51).

Tabela 49 - Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?

	Frequência	Percentual válido
Não	315	73.9
Sim	111	26.1
Total	426	100.0



Tabela 50 - Você já foi diagnosticada (o) com algum sintoma de LER/DORT?

	Frequência	Percentual válido
Não	344	80.8
Sim	82	19.2
Total	426	100.0

Tabela 51 - Você já precisou pegar licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

	Frequência	Percentual válido
Não	401	94.1
Sim	25	5.9
Total	426	100.0

Em uma proporção maior que no cenário brasileiro, 63,8% dos jornalistas nordestinos consideram que seus esforços no trabalho não são devidamente reconhecidos – no Brasil foram 55,8%. Como se pode perceber, há um desequilíbrio entre esforço e reconhecimento da aplicação dos jornalistas pelos empregadores e/ou outros atores, sobretudo no Nordeste. No paralelo, quase três quartos da categoria (68,5%) informam, na região, ser comum trabalhar mais que o período contratado. No país, o percentual dos que dizem fazer horas-extras foi quase o mesmo (71,5%), embora com uma pequena diferença para cima (Tabelas 52 e 53).



Tabela 52 - Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?

	Frequência	Percentual válido
Não	272	63.8
Sim	154	36.2
Total	426	100.0

Tabela 53 - É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	292	68.5
Não	134	31.5
Total	426	100.0

Dentre os principais desafios da atuação profissional de comunicadores no Brasil e, com ênfase na região Nordeste, o assédio moral, verbal e sexual, além do risco à segurança pessoal e familiar, permeiam o dia a dia destes profissionais, sendo que ocorrem no próprio ambiente de trabalho e até mesmo na internet.

Ao serem questionados sobre a atuação profissional e casos de assédio no ambiente de trabalho, 43,4% responderam que já sofreram algum tipo de violência moral (tabela 54), com destaque ao percentual de 10,8% para violação sexual (tabela 55). Os números aproximam no relatório nacional, no qual 40,6% dos respondentes já sofreram assédio moral e 11,1% foram vítimas de violência sexual no trabalho.



Tabela 54 - Você já sofreu assédio moral no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	185	43.4
Não	241	56.6
Total	426	100.0

Tabela 55 - Você já sofreu assédio sexual no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	46	10.8
Não	380	89.2
Total	426	100.0

Dentre os tipos de violências, 32,4% dos respondentes dizem que foram agredidos verbalmente (tabela 56) e outros 2,6% afirmaram já terem sofrido agressão física no trabalho ou em decorrência dele (tabela 57).

Tabela 56 - Você já sofreu violência verbal no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	138	32.4
Não	288	67.6
Total	426	100.0



Tabela 57 - Você já foi agredida (o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?

	Frequência	Percentual válido
Sim	11	2.6
Não	415	97.4
Total	426	100.0

Em casos de ataques ou ameaças virtuais devido à prática laboral, um total de 119 profissionais garantiram sofrer ações de represálias, o equivalente a 27,9% da amostra (tabela 58). Além disso, no que se refere à vigilância profissional, 31% dos participantes viveram algum comportamento de monitoramento digital por superiores hierárquicos (tabela 59).

Tabela 58 - Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	119	27.9
Não	307	72.1
Total	426	100.0

Tabela 59 - Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?

	Frequência	Percentual válido
Sim	132	31.0
Não	294	69.0
Total	426	100.0



Ao serem questionados sobre constrangimento no trabalho por gestores ou superiores, 45,8% das respostas confirmam essa exorbitância (tabela 60). Sob o questionamento da atuação profissional sob algum tipo de coação, 21,8% dos partícipes responderam positivamente (tabela 61).

Tabela 60 - Você já foi constrangida (o) no trabalho por gestores ou superiores?

	Frequência	Percentual válido
Sim	195	45.8
Não	231	54.2
Total	426	100.0

Tabela 61 - Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?

	Frequência	Percentual válido
Sim	93	21.8
Não	333	78.2
Total	426	100.0

O medo de retaliação foi motivo para 43,9% dos componentes deixarem de realizar alguma atividade profissional (tabela 62). Em contrapartida, apenas 6,1% dos declarantes formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão no alcance da atuação jornalística (tabela 63).



Tabela 62 - Você já deixou de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação?

	Frequência	Percentual válido
Sim	187	43.9
Não	239	56.1
Total	426	100.0

Tabela 63 - Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?

	Frequência	Percentual válido
Sim	26	6.1
Não	400	93.9
Total	426	100.0

Ao estender ataques a familiares, pela atuação profissional como agente de comunicação, 3,3% afirmaram que ataques ou ameaças já foram direcionados a esses entes devido ao trabalho prestado (tabela 64). O comparativo aos dados nacionais é aproximativo, visto que, no Brasil, 3,4% dos profissionais afirmam a prática de violência sofrida por familiares.

Tabela 64 - Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	14	3.3
Não	412	96.7
Total	426	100.0



Ainda sobre assédio no ambiente de trabalho, os dados coletados apontam que mais da metade dos participantes já presenciaram alguma situação de assédio moral no trabalho contra colegas, com 54,5% das respostas (tabela 65), enquanto que 17,6% testemunharam alguma situação de assédio sexual no trabalho (tabela 66).

Tabela 65 - Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	232	54.5
Não	194	45.5
Total	426	100.0

Tabela 66 - Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	75	17.6
Não	351	82.4
Total	426	100.0



5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião

Os respondentes foram instados a avaliar a própria satisfação no trabalho e as perspectivas de futuro em relação a ele (tabelas 67 a 82). Talvez sejam esses os tópicos mais suscetíveis à incidência de marcadores sociais da opressão na experiência do jornalista, como já destacado aqui quanto ao efeito causado pela raça, pelo gênero e pela classe, para citar apenas três desses elementos, no modo como esse profissional consegue executar a função para a qual foi designado, bem como afeta a ascensão dele na empresa.

Daí a necessidade de serem analisadas as respostas de cada tabela a partir de um recorte isolado por raça, por gênero e por classe. Assim, e só assim, será possível termos um desenho mais próximo do real sobre o modo como o jornalista sente, vive e projeta o próprio ofício, já que é a redação um estrato da sociedade e não há como isolar-se dos efeitos interseccionais do racismo, do machismo, do classismo e de outros processos de exclusão.

Da mesma forma, é válido estratificar os dados a partir dos seguintes referenciais: o respondente atua em mídia hegemônica/comercial ou em mídia independente? Em serviço público ou iniciativa privada? Esses dois contextos localizam os jornalistas em lugares distintos, pois enquanto um tem organograma vertical, o outro em geral opta por arranjos horizontalizados; e enquanto há chance pelo menos de valorização pecuniária em um, o outro praticamente não oferece mecanismos de melhoria salarial (a não ser a implementação do índice de reajuste anualmente negociado entre o sindicato da categoria e o sindicato patronal).

Fazemos essas ponderações para expor que: ser uma mulher negra em uma pequena redação do Nordeste não é o mesmo que ser um homem branco em uma grande redação do Sudeste, onde estão os maiores conglomerados do País. Ser um homem negro em uma mídia independente e antirracista do Ceará não é o mesmo que ser um homem negro em uma pequena redação de Pernambuco. Ser uma travesti negra em uma redação de São Paulo não é o mesmo que ser uma mulher branca em uma redação do Piauí. Há um espectro muito rico a ser investigado em pesquisas futuras decorrentes desta que apresentamos agora.

Feitas essas considerações, sigamos.



No tocante às possibilidades de promoção nas redações do Nordeste (tabela 67), 27,9% dos respondentes disseram que nem estavam satisfeitos nem insatisfeitos com a questão, enquanto 30% demonstraram estar satisfeitos (sendo 23% satisfeitos e 7% muito satisfeitos) e 29,6% afirmaram estar insatisfeitos (sendo 18,1% insatisfeitos e 11,5% muito insatisfeitos). Para 12,4% dos entrevistados, o cenário em questão não se aplica. Os resultados da região são equivalentes aos nacionais, com irrisória oscilação para mais ou para menos.

Uma possível interpretação desses indicadores aponta para a ausência de planos de cargos, carreiras e salários nas redações nordestinas, fator esse que frustra as expectativas dos jornalistas em maioria, pois 70% estão fora do espectro de “satisfeito ou muito satisfeito” e não podem projetar ascensão profissional nas empresas nas quais atuam.

Tabela 67 - Possibilidades de promoção

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	30	7.0
Satisfeita (o)	98	23.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	119	27.9
Insatisfeita (o)	77	18.1
Muito insatisfeita (o)	49	11.5
Não se aplica	53	12.4
Total	426	100.0

A respeito da função que realiza (tabela 68) e do tipo de trabalho que executa, 67,6% dos participantes informaram estar satisfeitos (sendo 54% satisfeitos e 13,6% muito satisfeitos). Outros 18,1% disseram que nem estavam satisfeitos nem insatisfeitos, enquanto 13,9% responderam que estavam insatisfeitos (sendo 9,4% insatisfeitos e 4,5% muito insatisfeitos) e 0,5% revelaram que o cenário em questão não se aplica. Novamente, os números do Nordeste praticamente igualam-se com as estatísticas do Brasil, com pequena diferença para



mais ou para menos.

Tabela 68 - Funções que realiza (tipo de trabalho)

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	58	13.6
Satisfeita (o)	230	54.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	77	18.1
Insatisfeita (o)	40	9.4
Muito insatisfeita (o)	19	4.5
Não se aplica	2	0.5
Total	426	100.0

A carga de trabalho foi outro item analisado (tabela 69) e que revelou o seguinte universo: 42,3% se disseram satisfeitos (sendo 35% satisfeitos e 7,3% muito satisfeitos); 24,9% afirmaram que nem estão satisfeitos nem insatisfeitos; e 31,5% indicaram que estavam insatisfeitos (sendo 22,1% insatisfeitos e 9,4% muito insatisfeitos). Em 1,4% dos casos, a questão não se aplica. No comparativo com o cenário nacional, os dados do Nordeste mais uma vez equiparam-se.

Essas estatísticas dialogam frontalmente com as três tabelas posteriores (70, 71 e 72, principalmente com uma maior insatisfação expressa na 72) e permitem pensar sobre o modelo de redação vigente, cujo formato há alguns anos é denunciado por sindicatos de todo o País pelo fato de primar pelo acúmulo de funções, o que tem por consequência a sobrecarga de trabalho, e recorrer no achatamento salarial de profissionais contratados para um posto e que, ao fim e ao cabo, são demandados para serem multiplataforma.

Pesquisas já expuseram que houve aumento da intensidade do trabalho durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e revelaram a insatisfação dos profissionais quanto à nova rotina, muitas vezes piorada pelo teletrabalho/home office. Aqui, entretanto, olhando somente os dados brutos, sem ser considerado o contexto pandêmico, é possível



crer que o ritmo de trabalho é aceitável para a maioria dos/as jornalistas cearenses.

Tabela 69 - Carga de trabalho

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	31	7.3
Satisfeita (o)	149	35.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	106	24.9
Insatisfeita (o)	94	22.1
Muito insatisfeita (o)	40	9.4
Não se aplica	6	1.4
Total	426	100.0

A intensidade da rotina (tabela 70) também foi pautada na pesquisa. E obteve os seguintes resultados: 39,4% responderam que estavam satisfeitos (sendo 33,3% satisfeitos e 6,1% muito satisfeitos); 25,1% disseram que nem estavam satisfeitos nem insatisfeitos; enquanto 33,5% declararam que estavam insatisfeitos (sendo 23,9% insatisfeitos e 9,6% muito insatisfeitos). Em 1,9% dos questionários, esse item não se aplica. A exemplo dos itens anteriores, este tem o resultado nacional praticamente replicado no Nordeste.

Tabela 70 - Intensidade da rotina

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	26	6.1
Satisfeita (o)	142	33.3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	107	25.1
Insatisfeita (o)	102	23.9



Muito insatisfeita (o)	41	9.6
Não se aplica	8	1.9
Total	426	100.0

A jornada laboral (tabela 71), seja aquela de horas trabalhadas ou de escalas, foi aprovada por 42% dos respondentes (sendo 35% satisfeitos e 7% muito satisfeitos). Outros 24,9% indicaram que nem estão satisfeitos nem estão insatisfeitos. Já 32% disseram estar insatisfeitos (sendo 21,4% insatisfeitos e 10,6% muito insatisfeitos). Em 1,2% dos casos, a questão não se aplica. Em relação ao resultado nacional, os índices são bem semelhantes. A variação para mais ou para menos é em torno de dois pontos percentuais.

Tabela 71 - Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	30	7.0
Satisfeita (o)	149	35.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	106	24.9
Insatisfeita (o)	91	21.4
Muito insatisfeita (o)	45	10.6
Não se aplica	5	1.2
Total	426	100.0

A remuneração (tabela 72) foi criticada por mais da metade dos respondentes. Um total de 56,6% disse estar insatisfeito com o que recebe (sendo 34,3% insatisfeito e 22,3% muito insatisfeito). Nem estavam satisfeitos nem insatisfeitos somaram 20,4%. Já aqueles satisfeitos foram 21,6% (sendo 17,4% satisfeitos e 4,2% muito satisfeitos). Outros 1,4% informaram que o tópico não se aplica às suas realidades.



Há uma diferença entre os índices do Brasil e do Nordeste: de 11,4 pontos percentuais entre os insatisfeitos e de 10,9 pontos percentuais entre os satisfeitos. Enquanto os profissionais do Nordeste declaram inconformismo com a remuneração, nacionalmente esse indicador é melhor aceito. Isso pode denunciar as disparidades quanto ao custo de vida existentes em um País de proporções continentais quanto o Brasil, já que é recorrente o valor da cesta básica, por exemplo, ser mais caro nos estados nordestinos, com alguns figurando entre os mais caros do Brasil, enquanto no Sul os mesmos produtos são mais baratos.

É preciso considerar aqui que: muito embora os pisos salariais sejam definidos em convenções coletivas articuladas pelos sindicatos, os organogramas das empresas são definidos pelas próprias, assim como o são os métodos e critérios de concessão de eventuais comissões e outros benefícios às diversas categorias que compõem a redação. Essa dinâmica impacta no acumulado da remuneração a ser recebida pelo jornalista.

Tabela 72 - Remuneração

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	18	4.2
Satisfeita (o)	74	17.4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	87	20.4
Insatisfeita (o)	146	34.3
Muito insatisfeita (o)	95	22.3
Não se aplica	6	1.4
Total	426	100.0

A concessão de outros benefícios não salariais (tabela 73) também é reprovada pela maioria dos respondentes: 47,2% disseram que estavam insatisfeitos (sendo 24,9% insatisfeitos e 22,3% muito insatisfeitos). Nem satisfeitos nem insatisfeitos somaram 17,8%, enquanto 18,3% afirmaram que estavam satisfeitos (sendo, 15% satisfeitos e 3,3% muito satisfeitos). Para 16,7%, esta questão não se aplicou à realidade vivida.



Neste item, há diferença de quase dez pontos percentuais no universo de respondentes satisfeitos, pois nacionalmente o índice é de 28%, e de mais de 15 pontos percentuais entre quem informou “não se aplica”, já que no Brasil apenas 1% indicaram essa resposta. Isso denuncia, portanto, discrepância na concessão de benefícios não salariais entre os profissionais do Nordeste e os jornalistas de outras regiões e, portanto, nas políticas de valorização da mão de obra dessas empresas.

Tabela 73 - Outros benefícios não salariais

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	14	3.3
Satisfeita (o)	64	15.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	76	17.8
Insatisfeita (o)	106	24.9
Muito insatisfeita (o)	95	22.3
Não se aplica	71	16.7
Total	426	100.0

Na tabela 74, as relações interpessoais no trabalho foram consideradas pelos respondentes. E eles indicaram o seguinte: 67,3% afirmaram que estavam satisfeitos (sendo 50,9% satisfeitos e 16,4% muito satisfeitos). Os que se disseram nem satisfeitos nem insatisfeitos foram 19,5%, enquanto os insatisfeitos foram 10,8% (sendo 8,2% insatisfeitos e 2,6% muito insatisfeitos). Em 2,3% dos casos, a questão não se aplicou à realidade dos participantes. As taxas do cenário nacional são similares às colhidas para o Nordeste.



Tabela 74 - Relações interpessoais no trabalho

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	70	16.4
Satisfeita (o)	217	50.9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	83	19.5
Insatisfeita (o)	35	8.2
Muito insatisfeita (o)	11	2.6
Não se aplica	10	2.3
Total	426	100.0

No que diz respeito à experiência profissional, os dados regionais do Nordeste mostram que 82,6% dos jornalistas estão satisfeitos (54% satisfeitos e 28,6% muito satisfeitos). O quantitativo dos que não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos é de 12%. Já o percentual referente àqueles que dizem não estar satisfeitos é de apenas 4,9% (insatisfeitos 3,5%; muito insatisfeitos 1,4%) (tabela 75 – Experiência Profissional). Em certa medida, os dados parecem apontar para o fato de que, mesmo diante dos desafios impostos pelo contexto sócio-histórico vivenciados atualmente pelos profissionais da área (marcado por casos de violência física, ameaças, destruição de equipamentos etc.), os jornalistas nordestinos expressam um contentamento significativo quanto ao exercício e a trajetória que construíram em sua atividade laboral.

Tabela 75 - Experiência profissional

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	122	28,6
Satisfeita (o)	230	54,0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	51	12,0



Insatisfeita (o)	15	3,5
Muito insatisfeita (o)	6	1,4
Não se aplica	2	0,5
Total	426	100,0

Quanto à especialidade profissional dos jornalistas nordestinos no exercício de sua função, 63,9% se consideram satisfeitos (42,3% satisfeitos e 21,6% muito satisfeitos), 20,2% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos. Somam 13% aqueles que se dizem não estar satisfeitos (8,5% insatisfeitos e 4,5% muito insatisfeitos) (tabela 76 – Linha editorial ou segmento de atuação). Ao olharmos para esses dados, é importante pensarmos no impacto que o surgimento dos chamados “arranjos jornalísticos alternativos/independentes” pode representar nesse contexto, levando em consideração as possibilidades que tais veículos informativos significam em termos de especialização temática/editorial e da consequente abertura para a atuação profissional de jornalistas que buscam ocupar espaços com os quais se identifiquem (seja a partir de vinculações territoriais, ideológicas etc.).

Tabela 76 - Linha editorial ou segmento de atuação

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	92	21,6
Satisfeita (o)	180	42,3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	86	20,2
Insatisfeita (o)	36	8,5
Muito insatisfeita (o)	19	4,5
Não se aplica	13	3,1
Total	426	100,0



Observando agora os números da tabela seguinte (tabela 77 – Princípios e valores da empresa/organização), vemos que 55,4% dos respondentes da região Nordeste afirmam estar satisfeitos com os valores e princípios da organização/empresa para as quais trabalham (36,6% satisfeitos e 18,8% muito satisfeitos), quantitativo que exemplifica a existência de uma partilha de valores/símbolos entre os chamados membros da “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2008) no ambiente de atuação profissional. Ou seja, há uma identificação entre os jornalistas e as organizações jornalísticas que os fazem partilhar de um mesmo entendimento de mundo quanto, por exemplo, ao tipo de atuação profissional que devem desempenhar ou ao conteúdo informativo que deve ser ofertado para a sua audiência. 26,3% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, enquanto 15,7% se consideram insatisfeitos (10,1% insatisfeitos e 5,6% muito insatisfeitos).

Tabela 77 - Princípios e valores da empresa/organização

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	80	18,8
Satisfeita (o)	156	36,6
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	112	26,3
Insatisfeita (o)	43	10,1
Muito insatisfeita (o)	24	5,6
Não se aplica	11	2,6
Total	426	100,0

Ao serem questionados em relação ao prestígio social da atividade, os jornalistas nordestinos se mostram, em sua maioria, satisfeitos, contabilizando 54,2% (42,7% satisfeitos e 11,5% muito satisfeitos). 31,5% responderam não estarem nem satisfeitos nem insatisfeitos, e apenas 10,3% se dizem insatisfeitos (6,3% insatisfeitos e 4% muito insatisfeitos). É válido lembrar que a valoração desse quesito está diretamente vinculada a aspectos que envolvem a interação da prática jornalística com a sociedade, e nesse sentido, da maneira como os



jornalistas recebem/avaliam o feedback dos cidadãos quanto ao desempenho da função informativa. Em certa medida, os dados da tabela 78 – Prestígio social dialogam com o que foi visto anteriormente na tabela 75 – Experiência profissional, revelando assim que há, por parte dos jornalistas nordestinos, um olhar de enaltecimento da profissão, mesmo diante das dificuldades que se impõem ao desempenho da prática jornalística no cenário atual.

Tabela 78 - Prestígio social

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	49	11,5
Satisfeita (o)	182	42,7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	134	31,5
Insatisfeita (o)	27	6,3
Muito insatisfeita (o)	17	4,0
Não se aplica	17	4,0
Total	426	100,0

De modo complementar, as respostas apresentadas na tabela a seguir ajudam a reforçar a interpretação feita anteriormente, quando mencionamos a possibilidade de leitura positiva dos jornalistas nordestinos quanto a sua atuação profissional em meio à sociedade. Ao olharmos para os dados da tabela 79, notamos que 56,8% se dizem satisfeitos em relação ao poder de influenciarem em assuntos públicos (sendo 44,1% satisfeitos e 12,7% muito satisfeitos) a partir da atividade informativa que desempenham. Um indicativo que serve para nos mostrar como anda a aderência, por parte dos jornalistas, à conhecida noção do jornalismo como “quarto poder”, capaz de funcionar ao mesmo tempo como porta-voz da opinião pública e como vigilantes que protegem os cidadãos dos possíveis abusos de ordem política.

É claro que, a depender da área de atuação temática dos jornalistas que participaram da pesquisa, o entendimento que se tem sobre o “poder de influenciar em assuntos públicos” é mutável e isso deve ser ressaltado. Ainda de acordo com os respondentes da região



Nordeste, 29,6% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, enquanto apenas 8,2% se consideram insatisfeitos (5,9% insatisfeitos e 2,3% muito insatisfeitos).

Tabela 79 - Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	54	12,7
Satisfeita (o)	188	44,1
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	126	29,6
Insatisfeita (o)	25	5,9
Muito insatisfeita (o)	10	2,3
Não se aplica	23	5,4
Total	426	100,0

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro também aborda as questões envolvendo formação continuada. Nesse sentido, ao responderem sobre a possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional (tabela 80), 45% dos jornalistas nordestinos se dizem satisfeitos quanto a esse quesito (34% satisfeitos e 11% muito satisfeitos). Contudo, percebemos um percentual significativo de 24% dos respondentes que se mostram insatisfeitos quanto às oportunidades de se qualificarem (16,7% insatisfeitos e 7,3% muito insatisfeitos). Quadro semelhante ao que foi observado no relatório nacional da pesquisa, que pontua, todavia, a necessidade de saber se esse cenário se dá em razão da falta de renda, de tempo, de acesso ou de incentivo da organização em que trabalham os jornalistas.



Tabela 80 - Possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	47	11,0
Satisfeita (o)	145	34,0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	100	23,5
Insatisfeita (o)	71	16,7
Muito insatisfeita (o)	31	7,3
Não se aplica	32	7,5
Total	426	100,0

Em alguma medida, os dados sobre qualidade de vida em relação à atuação profissional (tabela 81) demonstram que os jornalistas nordestinos apesar de enaltecerem o seu trabalho reconhecem também as dificuldades que são inerentes ao seu campo de atuação. Conforme os respondentes da pesquisa da região Nordeste, 38,5% se dizem satisfeitos quanto ao quesito qualidade de vida (32,4% satisfeitos e 6,1% muito satisfeitos). Porém, 31,7% se consideram insatisfeitos (23% insatisfeitos e 8,7% muito insatisfeitos), percentual acima inclusive da média nacional, que foi de 27,4%. O número dos que se dizem nem satisfeitos nem insatisfeitos é de 28,9%.

Nos parece evidente que a atuação profissional, na condição de jornalista, gera como consequência impactos diretos na vida pessoal, causando disfuncionalidades que, em certa medida, foram durante muito tempo “romantizadas” em filmes que retratavam o jornalista como alguém que vive em função do seu trabalho e nunca (ou quase nunca) descansa. Elementos inclusive que ajudaram a constituir toda uma mitologia em torno da profissão, mas que precisam ser observados com criticidade, principalmente diante de um contexto de hiperconexão digital.



Tabela 81 - Qualidade de vida

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	26	6,1
Satisfeita (o)	138	32,4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	123	28,9
Insatisfeita (o)	98	23,0
Muito insatisfeita (o)	37	8,7
Não se aplica	4	0,9
Total	426	100,0

Mesmo diante dos dilemas que se mostram de forma presente no campo de atuação do jornalismo (envolvendo aspectos como remuneração, qualidade de vida, segurança), é notório que a maior parte dos entrevistados (24,6%), ao serem questionados em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos), dizem pretender seguir na mesma organização em que se encontram atualmente e nas funções que exercem. Apenas 8,9% afirmam avaliar a possibilidade de deixar a carreira atual para seguirem em funções não-jornalísticas. Há uma expectativa, por parte de 19% dos jornalistas nordestinos, em seguir na organização que se encontram atualmente e serem promovidos, enquanto 16,4% gostariam de migrar para uma organização de maior porte.

É válido ressaltar também o quantitativo de jornalistas que pretendem ingressar na carreira pública como docente (7,5%) ou deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas (7%), sendo essas as duas principais alternativas (em termos quantitativos) que são colocadas pelos respondentes da região Nordeste quando se trata de apontar mudanças na sua forma de atuação profissional. Ou seja, a perspectiva de atuar no serviço público, seja como docente ou funções administrativas relacionadas ao jornalismo, representa um total 14,5%.



Tabela 82.1 - Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual válido</i>
Outro. Qual?	29	6,8
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	105	24,6
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	81	19,0
Entrar em uma organização de maior porte	70	16,4
Ingressar na carreira pública como docente	32	7,5
Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	30	7,0
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	18	4,2
Deixar a carreira atual e atuar como docente	13	3,1
Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas	38	8,9
Pretendo me aposentar em breve	10	2,3
Total	426	100,0

Do total de respondentes do quesito acima, 6,8% responderam “Outro” quando perguntados em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos). Nesse caso, e de forma geral, podemos perceber que diante das opções de interesse apresentadas, mesmo que fragmentadas, infere-se um desejo em continuar exercendo a profissão de jornalista (ver tabela 82.2, a seguir).



Tabela 82.2 - Outro. Qual?

	Frequência
Abrir minha consultoria	1
Abrir minha própria empresa	1
Abrir uma empresa própria	1
Acumular outro vínculo.	1
Aprimoramento e capacitação em novas tecnologias	1
Concluir estágio probatório	1
Continuar como jornalista, mas atuar como empresário de meios de comunicação - site, blog, redes sociais, WebTV	1
Criar um produto próprio	1
Deixar a carreira atual e me dedicar a um mestrado no exterior	1
Deixar a carreira atual para jornalismo independente	1
Empreender	2
EMPREENDER	1
Empreender criando um veículo novo de jornalismo segmentado	1
Estou cursando outro curso, pretendo seguir outra área, mas se der, e se for rentável, conciliarei as duas áreas	1
Fazer outros projetos quando me aposentar	1
Indefinido	1
Lançar um novo projeto	1
Mudar de país e ser contratada como jornalista profissional.	1
Não sei	1
Passar em um concurso na outra formação: Letras	1
Seguir carreira na área de assessoria de imprensa	1



Seguir na organização que estou e ser realocado ao departamento de jornalismo ou ir para outra empresa e trabalhar com funções diferentes além do esporte e redes sociais	1
seguir no jornalismo abrindo espaços em mídias sociais	1
ser empresário de comunicação	1
Ser minha própria chefe!	1
Ter um emprego que alie boa remuneração com qualidade de vida	1
Trabalhar no projeto pessoal de jornalismo	1
Trocar de setor	1

Os dados apresentados nas tabelas anteriores nos levam a perceber que o campo de atuação profissional do Jornalismo goza de prestígio entre os respondentes da região Nordeste, estando em conformidade com os dados nacionais e demonstrando que mesmo diante das dificuldades enfrentadas, há um enaltecimento por parte dos seus membros. Os contrapesos existentes nessa relação, contudo, são evidenciados pela pesquisa, ressaltando os impactos negativos quando se fala, por exemplo, nos quesitos “qualidade de vida” e “aprimoramento profissional”.

5.1 Crença e religião

A religiosidade é outra dimensão analisada e os números mostram maior adesão de nordestinos a alguma formação religiosa. 71,6% dos jornalistas do Nordeste que responderam à pesquisa professam alguma fé, religião ou culto, enquanto o perfil nacional registrava 57,7%, uma diferença entre os percentuais, portanto, de 13,9%. O número de agnósticos (18,8%) e ateus (9,6%) é, conseqüentemente, bem menor. Nacionalmente estas opções registravam 26% e 16,3%, respectivamente, mostrando que o grupo regional têm uma maior propensão a professar uma religião em comparação com a média de todo o país. 426 pessoas identificadas como participantes de estados do Nordeste responderam a questão.



Tabela 83.1 - Você é adepta (o) a alguma fé, religião ou culto?

	Frequência	Percentual válido
Sim. Qual (is)?	305	71.6
Não, sou agnóstico/agnóstica	80	18.8
Não, sou ateu/ateia	41	9.6
Total	426	100.0

Entre os entusiastas de alguma fé, permanece a hegemonia católica, com 51,8% das respostas, levemente acima do que registrava o relatório nacional, com 48,3%. Atrás dos católicos, os que professam o cristianismo, entre eles evangélicos e protestantes, com 18,4% das manifestações. Nacionalmente, 15,5% eram cristãos. A presença de espíritas é menor na região, com 11,1%, abaixo dos 14,4% aferidos no levantamento do país. Depois aparecem respostas como: Acredito em Deus/Deus (3,3%), Espiritualista (3%), Candomblé (2,6%) e Dupla ou múltipla pertença (2,6%). Destacam-se, ainda, outras denominações de fé com registros específicos: Religião de Matriz Africana (1%) e Umbanda (1%). Fechando os dados, situações de indefinição (1,6%) e outras representações (3,6%) que foram citadas pelo menos uma vez (Tabela 83.2).

Tanto no relatório Brasil, como no do Nordeste, a relevância das manifestações sagradas de matrizes africanas permanece. Nas respostas nacionais, Umbanda e Candomblé juntas são 5,2% das respostas e no balanço regional, as tradições religiosas citadas, junto à construção "Religião de Matriz Africana", chegam a 5% das manifestações dos pesquisados. Assim, esta seria a quarta maior força religiosa dos jornalistas, tanto no plano regional como nacional, atrás apenas da sequência católica, cristã e espírita, como evidenciamos anteriormente.



Tabela 83.2 – Sim. Quais?

	Frequência	Percentual válido
Católica	158	51,8%
Cristianismo - Cristã (23), Evangélico/protestante (33)	56	18,4%
Espírita	34	11,1%
Acredito em Deus/Deus	10	3,3%
Espiritualista	9	3,0%
Candomblé	8	2,6%
Dupla ou múltipla pertença - Católico e Espírita Kardecista, Católica / Espiritismo Kardecista, Católica e espiritismo, Católica e espírita, Cristão esotérico, Espiritismo, Catolicismo e Candomblé, Espírita Kardecista e Umbanda, sincretismo (catolicismo e jurema).	8	2,6%
Religião de Matriz Africana	3	1,0%
Ubanda	3	1,0%
Indefinido	5	1,6%
Outros - Budista, Do louvor ao tambor, Ecumênica, Induismo, Santo Daime, Sou do Vale do Amanhecer, Universalista, Vale do Amanhecer, Wicca	11	3,6%
Total	305	100%



6. Características políticas dos jornalistas

Das 426 respostas válidas de jornalistas nordestinos, 38,5% (164 respostas) dos respondentes informaram estar filiados a algum sindicato e outros 61,5% (262 respostas) disseram não ter filiação sindical. Apesar de ainda ser grande o número de jornalistas nordestinos não sindicalizados, esse número está abaixo do detectado no relatório nacional, que registrou 68,6% dos jornalistas como não sindicalizados. Além disso, a sindicalização entre os jornalistas está bem acima da média aferida pelo IBGE no conjunto da população brasileira, cuja taxa de sindicalização nacional é de 11,2%.

Tabela 84 - Você é filiada (o) a algum sindicato?

	Frequência	Percentual válido
Sim	164	38.5
Não	262	61.5
Total	426	100.0

Entre os sindicalizados, a maioria dos jornalistas nordestinos informou integrar um sindicato próprio da categoria (87,2%). Sindicatos de outra categoria foi a resposta de 15,2% dos entrevistados e sindicatos de professores, de 11%. Quando questionados a quais sindicatos se filiaram ao escolher a opção "outros", temos 24 entidades diferentes citadas, sendo 10 delas de âmbito público, o que tem aderência com números anteriores que mostraram como os órgãos e entidades públicas têm sido um campo importante de trabalho para os jornalistas nordestinos (tabela 85).



Tabela 85 - A qual (is) sindicato você é filiada (o)? Sindicato de jornalistas

	Frequência	Percentual válido
Sindicato de jornalistas	143	87.2
Sindicato de professores	18	11.0
Sindicato de outra categoria. Qual?	25	15.2
Total de respondentes válidos	164	100

Tabela 85.1 - Detalhamento do item "Sindicato de outra categoria. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Profissionais de empresas de pesquisa agropecuária	1
Radialistas	2
SATED	1
Servidor Público	1
Servidores da Assembleia Legislativa	1
Servidores da MPU - SindMPU	1
Servidores da universidade	1
Servidores de universidades	1
Servidores do Legislativo	1
Servidores do Poder Legislativo	1
Servidores municipais	1
Servidores públicos da educação.	1
Sind dos Ferroviários	1



Sindicado de callcenter	1
Sindicatários	1
Sindicato de Empregados de Sindicatos	1
Sindicato de Servidores da Assembleia Legislativa	1
Sindicato de trabalhadores de sindicato	1
Sindicato dos Radialistas	1
Sindicato dos trabalhadores de sindicatos	1
Sindicato que congrega os trabalhadores da fundação onde trabalho como Assistente Social	1
Sindilegis e Associação de Imprensa de Pernambuco	1
Sindjorn	1
Sinjep-PB	1

Ao serem questionados sobre as razões pelas quais não estão filiados ao sindicato da categoria, os jornalistas responderam, em ordem decrescente: “não tenho interesse” (38,5%); “sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação” (28,2%); “outra (s) razão (ões)” (17,9%); “diretoria do sindicato não representa a categoria” (13%); “não conheço o sindicato” (12,2%); “diretoria dificulta sindicalização” (5,7%); e “não existe sindicato para a minha categoria” (1,5%). As principais respostas dadas parecem apontar para um descolamento entre os interesses e demandas da categoria e a atuação dos dirigentes sindicais.

Ao analisar as respostas abertas (tabela 86.1), vemos algumas outras motivações para o desinteresse na participação em sindicatos, como: os custos financeiros para arcar com as mensalidades; a sensação de que a categoria não é representada nas pautas levantadas por essas entidades; discordâncias com os líderes sindicais; falta de tempo para regularizar a sin-



dicalização ou procrastinação; ausência de divulgação de como esses espaços de representação atuam; entre outros argumentos.

Tabela 86 - Por que você não é filiada (o)
ao sindicato da sua categoria? Não tenho interesse

	Frequência	Percentual válido
Não tenho interesse	101	38.5
Não conheço o sindicato	32	12.2
Não existe sindicato para minha categoria	4	1.5
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	74	28.2
Diretoria do sindicato não representa a categoria	34	13.0
Diretoria dificulta sindicalização	15	5.7
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	47	17.9
Total de respondentes válidos	262	100.0

Tabela 86.1 - Detalhamento da opção
"Outra (s) razão (ões). Qual (is)?" da tabela anterior

	Frequência
Acredito que a atuação do sindicato dos jornalistas de meu estado não atende às necessidades da categoria e utiliza um modelo ultrapassado de sindicalismo, utilizando de métodos ineficientes de luta e má comunicação com a categoria. Servindo apenas para a promoção de prêmios e concursos.	1



Ainda não recebi o diploma oficial (apenas certificado de conclusão de curso) para poder me afiliar	1
Ainda não sou formada	1
Ainda não sou formado	1
Apenas desleixo de minha parte	1
apoio o sindicato, mas sem militância	1
Até hoje nunca senti que o sindicato tenha, aqui, uma atuação firme e constante	1
Atual diretoria não atende a interesses da categoria e sim de um grupo seletivo. Não demonstram ações efetivas no dia a dia.	1
Desconhecimento de entidade no meu estado	1
Desfiliei após discordar de algumas práticas da direção da entidade. Estive filiado por 16 anos.	1
Desleixo da minha parte.	1
Despesa financeira	1
Difícil acesso	1
Dificuldade, até o momento, de conciliar a contribuição sindical ao meu orçamento.	1
distanciamento do sindicato com outras pautas além de salário	1
Era filiada ao sindicato dos jornalistas enquanto trabalhava em redação. Na docência não participei mais	1
Era filiada. Vou voltar	1
Esquecimento	1
Falta de engajamento da classe	1
Falta de oportunidade	1
Falta de tempo	1



Farei a filiação	1
Filiada ao Sindicato da Saúde	1
Já fui sindicalizada, mas tinha dificuldade na comunicação para pagamento de mensalidades	1
Já fui vinculada. Mas na cidade q moro não há muita atuação do sindicato dos jornalistas.	1
Não concluir sindicalização	1
Não é uma necessidade imediata no cotidiano, porém pretendo	1
Não há representação sindical na cidade onde moro.	1
Não sou sindicalizada, apesar de já ter sido, pelo fato de não estar em um cargo permanente.	1
Não tem representação onde moro.	1
Não tem sindicato na cidade que moro.	1
nunca me articulei, mas acompanho a atuação do sindicato	1
O Sindicato da minha categoria não é atuante. Nem se esforça para mobilizar e defender a categoria	1
O Sindicato não faz nenhum tipo de campanha para explicar sua própria importância. A classe é vaidosa e desunida e não parece fazer diferença, nesta categoria, a sindicalização. O sindicato não consegue endereçar nada que possa se somar à luta contra a precarização da profissão. Os direitos trabalhistas não são respeitados e a própria categoria é bastante apática para enfrentar esta situação. Há poucos espaços de debate públicos quanto às condições de trabalho dos profissionais da categoria.	1
O VALOR MUITO ALTO PARA SINDICALIZAR. QUEM JA GANHA POUCO TIRAR MAIS DE 300 REAIS É CRUEL.	1



Partidária demais.	1
Por esquecimento meu. Sempre digo que vou me filiar, acabando deixando para depois e me esqueço de fazer	1
Pouco dinheiro	1
Quando terminei a faculdade ainda corri atrás, mas acabei nao concretizando.	1
Sempre fico deixando pra depois e não faço a filiação	1
Sindicato não atua de verdade à favor dos jornalistas cearenses. Nunca vejo nada real sendo feito. Os salários nunca são pagos, os abusos sempre acontecem.	1
Sindicato não pauta as questões pertinentes e essenciais. Atuação fraca	1
Só procrastinando mesmo... Irei resolver isso	1
Tenho interesse, mas sempre adio	1
Trabalho sem carteira assinada	1
Vou me formar na faculdade no próximo mês. Assim que eu estiver com o diploma, procurarei me filiar ao sindicato.	1
Vou voltar a me filiar	1

Seguindo para o perfil político dos jornalistas nordestinos, a pesquisa questionou se os respondentes eram filiados a algum partido. A ampla maioria (85,5%) respondeu que não. Entre os que eram filiados, os partidos mais citados foram PT (29 respostas), PCdoB (7), PDT (4), PSB (4), PP (3). As demais legendas apontadas tiveram apenas uma resposta cada (tabela 87).

Tabela 87 - Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual.

	Frequência	Percentual válido
--	------------	-------------------



Outro. Qual?	1	0.2
Não sou filiada (o) a partido político	361	85.5
CIDADANIA	1	0.2
MDB	1	0.2
PCB	1	0.2
PCdoB	7	1.7
PDT	4	0.9
PP	3	0.7
PROS	1	0.2
PSB	4	0.9
PSC	1	0.2
PSDB	1	0.2
PSOL	4	0.9
PSTU	1	0.2
PT	29	6.9
PTC	1	0.2
PV	1	0.2
Total	422	100.0

Tabela 87.1 - Detalhamento da opção "Outro. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Não sou filiada, mas se fosse, seria o PSB de Eduardo Campos.	1

Em relação ao posicionamento político, temos uma aderência com as respos-



tas da tabela anterior, com a maioria dos jornalistas nordestinos declarando-se como de esquerda (57,6%). Disseram ser de centro-esquerda 19,9% dos respondentes e a extrema esquerda teve uma posição minoritária, com apenas 1,4%. Já no espectro da direita, temos a centro-direita com 2,4%, a direita com 1,9% e nenhum se identificou com a opção “extrema direita”. Outros 3,3% declararam-se de centro, 2,1% marcaram a opção “outro” e 11,4% não quis informar a qual posicionamento ideológico se alinha.

Tabela 88 - Como você define seu posicionamento ideológico?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	9	2.1
Centro	14	3.3
Centro-direita	10	2.4
Centro-esquerda	84	19.9
Direita	8	1.9
Esquerda	243	57.6
Extrema esquerda	6	1.4
Não quero informar	48	11.4
Total	422	100.0

Tabela 88.1 - Detalhamento da opção “Outro. Qual?” da tabela anterior

	Frequência
Anarquia	1
critica a corruptos, incompetentes e, principalmente, fanatismo político	1
Direitos iguais para todos	1
Lulista	1



Não tenho muita compreensão do assunto, mas acredito que seria do Centro Esquerda, mas nada que seja parecido com a ideologia PETISTA assim como demais partidos de extrema esquerda. Acredito que deve haver uma harmonia na sociedade em relação a isso.	1
Nenhum	1
O que é certo é certo e o que é errado é errado - essa é a minha bandeira,	1
Social democrata	1
social liberal	1

Já quando questionados se atuam em algum tipo de associação ou organização social, a maioria dos jornalistas nordestinos informam que "nunca atuei" (36,7%) ou que "não atuo, mas já atuei" (32,7%). Entre os que informaram tem alguma atuação nesse sentido, foram informadas áreas como "religião" (8,3%), "desenvolvimento e defesa de direitos" (7,1%), "cultura e recreação" (5,5%), "educação e pesquisa" (5,5%) e outro segmento (5,5%). As demais respostas registraram menos de 5% cada (tabela 89).

Tabela 89 - Você atua em algum tipo de associação ou organização social?

	Frequência	Percentual válido
Não atuo, mas já atuei	138	32.7
Nunca atuei	155	36.7
Sim, Assistência social	19	4.5
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	16	3.8
Sim, Cultura e recreação	23	5.5
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	30	7.1
Sim, Educação e pesquisa	23	5.5
Sim, Habitação	2	0.5



Sim, Meio ambiente	12	2.8
Sim, Proteção animal	3	0.7
Sim, Religião	35	8.3
Sim, Saúde	5	1.2
Sim, em outro segmento. Qual?	23	5.5
Total de respondentes válidos	422	100.0
Total de respostas	906	

Tabela 89.1 - Detalhamento da opção
"Sim, em outro segmento. Qual?" da tabela anterior

	Frequência
Advogados	1
Agropecuária	1
Associação Cearense de Imprensa, não é bem patronal, mas eles estão lá.	1
Associação comunitária	1
Associação de mães de crianças autistas, presta assistência às famílias	1
Associação dos Caminhantes e Corredores de Ruas da Paraíba (Ascorpa)	1
Clube de serviços	1
Defesa LGBTQIA+	1
Direito à cidade	1
Direito em Defesa da Pessoa Idosa	1



Esportiva	1
Esportivo	1
Formação juvenil	1
Grupo comunitário	1
Grupo de leitura e Organização que ajuda pessoas de rua	1
Grupo Escoteiro	1
Maçonaria	1
Maternidade e Feminismo	1
Mobilidade	1
Mulheres - União Brasileira das Mulheres	1
Proteção social	1
segmento antirracista	1
Terceiro Setor	1



7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos

Os dados a seguir são referentes à vida afetiva-amorosa dos(as) jornalistas. Esses dados apontam que 54,2% dos(as) jornalistas possuem companheiros(as). Já aqueles(as) que declararam estarem solteiros(as), representam uma parcela de 45,2%.

Tabela 90 - Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

	Frequência	Percentual válido
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	162	54,2
Vivo sozinha (o)	137	45,2
Total	299	100,0

Para melhor compreensão desses dados, dada a natureza aberta das respostas, sem a possibilidade de propor opções, sistematizamos as áreas de atuações profissionais ou ocupacionais dos(as) parceiros(as) dos(as) jornalistas em 6 agrupamentos.

O primeiro consiste aos que são pertencentes à mesma área e afins (incluindo os status de assessor de imprensa, assessor de comunicação, docente de jornalismo e/ou comunicação, fotojornalista, radialista, profissionais do audiovisual, comunicação, design, marketing, relações públicas, publicidade e mídias digitais), esse agrupamento vamos nomear de Grupo A, correspondente a 11,1% (18 respostas válidas).

Por sua vez, o agrupamento de ocupações atuantes na educação (educadores(as) do ensino básico e superior, e estudantes de graduação e pós-graduação) foram agrupados enquanto Grupo B, compondo 11,1% (18 respostas válidas). Por seu turno, nomearemos de



Grupo C, os 9,8% (16 respostas válidas) referente aos profissionais da saúde (incluindo psicólogos(as) e assistentes sociais).

Os profissionais que atuam nas áreas de administração (setor público e privado), empreendedores e operadores(as) do Direito, constituem o Grupo D, um percentual de 19,1% (31 respostas válidas), o maior agrupamento desta seção da pesquisa. Por penúltimo, o Grupo E, com um total de 14,8% (24 respostas válidas), representa os engenheiros(as) e outras profissões e ocupações que são particulares e/ou com pouca presença nos dados para serem agrupadas de forma categorial, como os Grupos A, B, C e D. O Grupo F, reuniu as pessoas em situação de desemprego e aposentadas, esse agrupamento possui um quantitativo de 4,3% (7 respostas válidas), constituindo a menor composição dessa seção.

A decodificação dos dados permite realizar o apontamento que a maioria dos jornalistas estão em relacionamentos com pessoas de áreas profissionais mais distantes das suas. Sobretudo, pessoas dos Grupos D e E, somando um total de 33,9% (55 respostas válidas), que socialmente, no Brasil, são campos profissionais melhores remunerados, assim possuem uma maior estabilidade financeira.

O próximo segmento de perguntas apresentou aos respondentes o método de mensuração de escala para um conjunto de questões cujo propósito era conhecer as condições de trabalho dos jornalistas e identificar situações de precarização do trabalho. O enunciado solicitava que os respondentes avaliassem as circunstâncias em que realizavam seu trabalho principal, contemplando aspectos como a intensidade do trabalho, a satisfação em relação ao seu trabalho, as relações de comunicação e trabalho, se os jornalistas sofriam censura no ambiente de trabalho ou tinham liberdade para participar da tomada de decisões e quais eram as condições dos recursos necessários para realizar sua atividade.

A intensificação e o alongamento das jornadas laborais tem recebido a atenção de pesquisadores que discutem sobre o mundo do trabalho de jornalistas no Brasil (MICK; KIKUTI, 2020). O processo de precarização que tem caracterizado essas dinâmicas (HUWS, 2017; ANTUNES; 2018) é prontamente observado nas respostas dadas pelos 306 profissionais nordestinos entrevistados. Um total de 41,5% concordam totalmente que o ritmo do trabalho é muito intenso e outros 29,4% concordam parcialmente com essa afirmação, conforme a tabela 91.1.



Tabela 91.1 – O ritmo de trabalho é muito intenso

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	127	41.5
Concordo parcialmente	90	29.4
Nem concordo, nem discordo	42	13.7
Discordo parcialmente	34	11.1
Discordo totalmente	11	3.6
Não se aplica	2	0.7
Total	306	100.0

A pesquisa nacional do perfil do Jornalista de 2021 aponta que pelo menos 71,5% dos profissionais brasileiros trabalhavam mais do que o estipulado em contrato, resultando em horas-extras. Os números regionais não apresentam melhora em relação ao que foi detectado em 2019, por exemplo, quando dados divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)⁸ mostravam que no ranking dos 10 Estados brasileiros em que os jornalistas trabalhavam mais do que o estabelecido pela CLT, sete deles eram do Nordeste.

Numa perspectiva regional, pudemos constatar que o ritmo intenso de jornadas de trabalho é marcado ainda pela pressão no cumprimento de prazos para as realizações das tarefas, o que foi sinalizado por mais da metade dos(as) jornalistas entrevistados(as). Um total de 200 pessoas concordam (total ou parcialmente) com essa afirmação, como pode ser visto na Tabela 91.2.

⁸ Informações disponíveis em: <https://fenaj.org.br/jornalistas-brasileiros-trabalham-mais-do-que-o-estabelecido-pela-clt/>



Tabela 91.2 – As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	85	27.8
Concordo parcialmente	115	37.6
Nem concordo, nem discordo	42	13.7
Discordo parcialmente	36	11.8
Discordo totalmente	20	6.5
Não se aplica	8	2.6
Total	306	100.0

Essa pressão pode ser melhor compreendida quando consideramos o enxugamento das redações, em que “[...] desenvolveram-se práticas e expectativas ligadas à multifuncionalidade e à multimídia: muitos jornalistas foram convidados (ou pressionados) a produzir para diferentes mídias em um mesmo grupo empresarial” (MICK; KIKUTI, 2020, p.218). Essa insatisfação com o acumulado de tarefas e funções que antes eram realizadas por vários profissionais é ilustrado nas respostas da Tabela 91.3, em que um total de 52,3% dos profissionais responderam que concordam totalmente que o número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades.

Tabela 91.3 – O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	160	52.3
Concordo parcialmente	65	21.2
Nem concordo, nem discordo	36	11.8
Discordo parcialmente	16	5.2



Discordo totalmente	21	6.9
Não se aplica	8	2.6
Total	306	100.0

É preciso demarcar que jornalistas são sobretudo trabalhadores (MICK; KIKUTI, 2020) e isso nos leva a refletir sobre importantes demarcadores das condições laborais desses profissionais. A falta de tempo para realizar pausas de descanso foi registrada em 52% das respostas válidas (considerando o somatório das respostas de quem concorda parcial e totalmente), como demonstra a Tabela 91.4. O número é levemente maior em comparação à pesquisa do Perfil do Jornalista nacional, em que 50,4% (sendo 25,7% concordando totalmente e 24,7% concordando parcialmente) das pessoas entrevistadas disseram faltar tempo para fazer essas pausas.

Tabela 91.4 – Falta de tempo para realizar pausas de descanso

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	81	26.5
Concordo parcialmente	78	25.5
Nem concordo, nem discordo	42	13.7
Discordo parcialmente	41	13.4
Discordo totalmente	47	15.4
Não se aplica	17	5.6
Total	306	100.0

Registrou-se ainda a insatisfação relacionada à distribuição injusta de tarefas, sinalizada por 44,2% dos profissionais consultados, sendo 23,9% concordando totalmente e outros 20,3% concordando parcialmente, como é possível observar na Tabela 91.5. Em comparação aos dados nacionais, esse índice de insatisfação é maior na perspectiva regional, considerando que na pesquisa do Perfil do Jornalista 2021, esse número chegou a 40% (20,1% concordam totalmente e 19,9% concordam parcialmente).



Tabela 91.5 – A distribuição de tarefas é injusta

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	73	23.9
Concordo parcialmente	62	20.3
Nem concordo, nem discordo	53	17.3
Discordo parcialmente	41	13.4
Discordo totalmente	62	20.3
Não se aplica	15	4.9
Total	306	100.0

Em relação à extensão da jornada de trabalho em casa, 34% dos jornalistas do Nordeste concordaram totalmente com a afirmativa de que levam trabalho para casa com frequência. Já 19,6% concordaram parcialmente, enquanto outros 22,6% discordaram (13,1% discordaram totalmente e 9,5% discordaram parcialmente); 8,2% dos respondentes nem discordam nem concordam e para 15,7% a questão não se aplica (Tabela 91.6). Assim como na pesquisa nacional, os dados mostram que é significativo o número de pessoas que estendem a jornada para o ambiente doméstico, o que parece ter relação com a adoção de teletrabalho ao longo da pandemia da Covid-19.

Tabela 91.6 – Levo trabalho para terminar em casa com frequência

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	104	34,0
Concordo parcialmente	60	19,6
Nem concordo, nem discordo	25	8,2
Discordo parcialmente	29	9,5
Discordo totalmente	40	13,1



Não se aplica	48	15,7
Total	306	100.0

Sobre as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do ambiente de trabalho atual, 40,9% discordam da afirmação “Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual” (27,8% discordam totalmente e 13,1% discordam parcialmente), enquanto 33% (entre os que concordam total e parcialmente) reclamaram dessas condições (Tabela 91.7).

Tabela 91.7 - Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	48	15.7
Concordo parcialmente	53	17.3
Nem concordo, nem discordo	39	12.7
Discordo parcialmente	40	13.1
Discordo totalmente	85	27.8
Não se aplica	41	13.4
Total	306	100.0

Os equipamentos de trabalho utilizados por esses profissionais (como computador e câmera fotográfica, por exemplo), não foram considerados bons por 44,7% dos entrevistados, que concordam total ou parcialmente com essa informação, conforme pode ser visto na Tabela 91.8.



Tabela 91.8 – Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	57	18.6
Concordo parcialmente	80	26.1
Nem concordo, nem discordo	27	8.8
Discordo parcialmente	44	14.4
Discordo totalmente	72	23.5
Não se aplica	26	8.5
Total	306	100.0

Quando perguntados se a infraestrutura do trabalho disponível afeta negativamente o desempenho profissional, um total de 38,6% das respostas (somadas as que concordam total e parcialmente com a afirmação) sinalizam que não há interferências nas atividades profissionais. No entanto, um total de 35,6% (sendo 15% totalmente e 20,6% parcialmente) concordam que são afetados por essa ausência de infraestrutura.

Tabela 91.9 – A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	46	15.0
Concordo parcialmente	63	20.6
Nem concordo, nem discordo	46	15.0
Discordo parcialmente	36	11.8
Discordo totalmente	82	26.8
Não se aplica	33	10.8
Total	306	100.0



Um total de 46,4% dos respondentes (sendo 24,2% concordando totalmente e 22,2% concordando parcialmente) afirmaram sentir-se desvalorizados no trabalho. Esse índice supera os 43% de respondentes, na pesquisa nacional, que declaram concordar total ou parcialmente com essa afirmativa. Apenas 32,6% dos(as) jornalistas nordestinos(as) consultados(as) sentem-se valorizados(a), ante 38% que partilham dessa mesma percepção na pesquisa nacional.

Tabela 91.10 - Me sinto desvalorizada (o) no trabalho

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	74	24.2
Concordo parcialmente	68	22.2
Nem concordo, nem discordo	52	17.0
Discordo parcialmente	31	10.1
Discordo totalmente	69	22.5
Não se aplica	12	3.9
Total	306	100.0

Diante da afirmação “Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo”, um total de 52,2% dos profissionais disseram discordar (34,6% totalmente e 17,6% parcialmente), o que nos leva a refletir sobre a consciência das aptidões desses profissionais.

Tabela 91.11 - Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	26	8.5
Concordo parcialmente	52	17.0



Nem concordo, nem discordo	44	14.4
Discordo parcialmente	54	17.6
Discordo totalmente	106	34.6
Não se aplica	24	7.8
Total	306	100.0

Em relação à liberdade de expressão, 55,3% discordam da afirmação “Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento (35% discorda totalmente e 20,3% discorda parcialmente). Por outro lado, 23,8% dos profissionais nordestinos afirmaram que não têm liberdade para se expressar. Esses números se assemelham aos verificados na amostragem nacional e autorizam inferências próximas daquelas realizadas no relatório nacional: a quantidade de jornalistas que sofrem censura no ambiente de trabalho é preocupante e parece se relacionar ao contexto da pandemia, em que novos cenários de censura se fizeram notar. Além disso, algumas organizações estão mais suscetíveis à censura do que outras, como organizações governamentais ou ligadas diretamente ao Governo Federal em 2021, ano da pesquisa, que incita a violência contra jornalistas e a proliferação de informações falsas (FÍGARO, 2021).

Tabela 91.12 - Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	31	10.1
Concordo parcialmente	42	13.7
Nem concordo, nem discordo	41	13.4
Discordo parcialmente	62	20.3
Discordo totalmente	107	35.0
Não se aplica	23	7.5
Total	306	100.0

Em relação ao clima e relações de trabalho, a maioria dos jornalistas nordestinos diz



ter uma boa convivência com os colegas. Em relação à afirmação “A convivência com meus colegas é difícil”, um total de 63,8% respondeu que discorda da frase, sendo 18% parcialmente e 45,8% totalmente (tabela 91.13).

Tabela 91.13 - A convivência com meus colegas é difícil

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	13	4.2
Concordo parcialmente	30	9.8
Nem concordo, nem discordo	34	11.1
Discordo parcialmente	55	18.0
Discordo totalmente	140	45.8
Não se aplica	34	11.1
Total	306	100.0

Em relação à participação dos profissionais na tomada de decisões que afetam a equipe de trabalho, os dados mostram que 38,2% não vivenciam ambientes de trabalho em que sentem-se excluídos da decisão. Diante da afirmação “Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe”, 15,7% discordaram parcialmente da afirmativa e 22,5% totalmente. No entanto, um total de 33,7% das respostas indica que os jornalistas nordestinos sentem que não são consultados (sendo 17% concordando totalmente e 16,7% parcialmente).

Tabela 91.14 - Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	52	17.0
Concordo parcialmente	51	16.7



Nem concordo, nem discordo	43	14.1
Discordo parcialmente	48	15.7
Discordo totalmente	69	22.5
Não se aplica	43	14.1
Total	306	100.0

O bloco seguinte reuniu perguntas que buscavam conhecer a qualidade de vida dos trabalhadores nordestinos. Foram analisados oito indicativos sobre o impacto do trabalho nas relações pessoais dos jornalistas (Tabelas 92.1 a 92.8). Inicialmente, os respondentes foram questionados sobre os limites entre vida familiar e laboral. 161 das pessoas consultadas (total de 52,6% das que concordam total ou parcialmente com a afirmação) informaram conseguir estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral, como demonstra a Tabela 92.1.

Tabela 92.1 – Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	76	24.8
Concordo parcialmente	85	27.8
Nem concordo, nem discordo	23	7.5
Discordo parcialmente	73	23.9
Discordo totalmente	47	15.4
Não se aplica	2	0.7
Total	306	100.0

Nos faltam estudos mais aprofundados, especialmente aqueles de caráter qualitativo, para compreender melhor quais estratégias, comportamentos e costumes desses profissionais são aplicados para estabelecer esses limites entre vida familiar e trabalho, quando as atribuições invadem as rotinas domésticas. Uma possível pista para interpretar melhor a ideia de estabelecer “limites” seja considerar um apagamento do jornalista como trabalhador e como isso “[...] influi para que, desde a universidade, este não se enxergue como tal”



(BOLAÑO, FIGUEIREDO, 2018), de modo que terminar uma tarefa para casa pode ser confundido com conseguir flexibilidade nas atividades laborais.

Falar abertamente da atividade laboral no ambiente familiar não é um problema para os jornalistas nordestinos, visto que 82% dos profissionais afirmaram concordar totalmente (65,7%) ou parcialmente (16,3%) com a afirmativa “Consgo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar”. A média se aproxima do que foi registrado em nível nacional, em que 82,4% conseguem ter esse acolhimento (60% concordam totalmente com a afirmação e 22,4% parcialmente).

Tabela 92.2 - Consgo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	201	65.7
Concordo parcialmente	50	16.3
Nem concordo, nem discordo	17	5.6
Discordo parcialmente	22	7.2
Discordo totalmente	14	4.6
Não se aplica	2	0.7
Total	306	100.0

Quando os(as) profissionais foram perguntados(as) sobre estímulos dados pelo empregador para melhorar a qualidade de vida do(a) trabalhador(a) e de sua família, os resultados mostram que apenas 22,2% jornalistas concordam total (10,1%) ou parcialmente (12,1%) com a afirmativa de que “Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família”. O incipiente incentivo por parte das organizações para que os profissionais possam balancear a relação entre trabalho e ambiente familiar é percebida através das respostas (Tabela 92.3) dos(as) entrevistados(as) que discordam: 29,7% discordam totalmente da afirmativa e 11,1% parcialmente, totalizando 40,8% da amostra. Essa insatisfação é, inclusive, maior que a média nacional, em que 37,5% discordam total ou parcialmente da afirmação.



Tabela 92.3 - Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	31	10.1
Concordo parcialmente	37	12.1
Nem concordo, nem discordo	51	16.7
Discordo parcialmente	34	11.1
Discordo totalmente	91	29.7
Não se aplica	62	20.3
Total	306	100.0

Quanto ao equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, 50,3% dos(as) respondentes concorda total (18,3%) ou parcialmente (32%) com a afirmativa “Consigo planejar, gerir e priorizar a vida pessoal e familiar”. No entanto, 35% disseram não conseguir fazer o mesmo (Tabela 92.4).

Tabela 92.4 - Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	56	18.3
Concordo parcialmente	98	32.0
Nem concordo, nem discordo	39	12.7
Discordo parcialmente	66	21.6
Discordo totalmente	41	13.4
Não se aplica	6	2.0
Total	306	100.0

No que se refere à concordância dos jornalistas quanto a se têm tempo para cuidar de si mesmos, 51% concordam com a assertiva de forma total (18,3%) ou parcial (32,7%). O



número ficou levemente abaixo da média nacional, em que 53,7% concordam com a frase “Tenho tempo para cuidar de mim mesmo(a)”, em que 33,2% concordam parcialmente e 20,5% totalmente. Na perspectiva regional, 38,5% dos(as) jornalistas nordestinos(as) discordam (sendo 24,8% parcialmente e 13,7% totalmente), indicando não terem tempo para cuidar de si.

Tabela 92.5 – Tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	56	18.3
Concordo parcialmente	100	32.7
Nem concordo, nem discordo	31	10.1
Discordo parcialmente	76	24.8
Discordo totalmente	42	13.7
Não se aplica	1	0.3
Total	306	100.0

Mais da metade das pessoas entrevistadas (179 profissionais ao total, representando 58,5% da mostra) disseram trabalhar em um ambiente saudável. Diante da afirmação “Trabalho em um ambiente saudável” 24,2% concordaram totalmente e 34,3% concordaram parcialmente, como se pode perceber na tabela 91.15.

Tabela 92.6 – Trabalho em um ambiente saudável

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	74	24.2
Concordo parcialmente	105	34.3
Nem concordo, nem discordo	39	12.7
Discordo parcialmente	49	16.0
Discordo totalmente	26	8.5



Não se aplica	13	4.2
Total	306	100.0

Uma parte significativa dos profissionais (51,7%) afirmou realizar uma avaliação contínua da vida pessoal e familiar, sendo 22,9% concordando totalmente e 28,8% parcialmente. Porém, como demonstra a Tabela 92.7, um total de 24,9% discordam parcial (15,7%) ou totalmente (9,2%) dessa assertiva.

Tabela 92.7 – Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	70	22.9
Concordo parcialmente	88	28.8
Nem concordo, nem discordo	59	19.3
Discordo parcialmente	48	15.7
Discordo totalmente	28	9.2
Não se aplica	13	4.2
Total	306	100.0

Quando questionados(as) sobre os impactos da atividade laboral sobre sua situação conjugal, 44,1% negaram total (34,6%) ou parcialmente (9,5%) que a atividade profissional influenciasse negativamente a relação. No entanto, um total de 18% concordaram total (4,9%) ou parcialmente (13,1%) com a afirmação “Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal”.

Tabela 92.8 - Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	15	4.9



Concordo parcialmente	40	13.1
Nem concordo, nem discordo	32	10.5
Discordo parcialmente	29	9.5
Discordo totalmente	106	34.6
Não se aplica	84	27.5
Total	306	100.0

A pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro também se dedicou a indicadores de bem estar e saúde, inclusive mental, desses profissionais no ambiente de trabalho. As questões a seguir tentam captar algumas informações sobre o trabalho predominantemente em regime *home office*, que foi dominante durante toda a pandemia da Covid-19. Os dados foram coletados entre agosto e outubro de 2021, o que permite flagrar um cenário híbrido entre as modalidades de trabalho remoto e presencial.

Quando perguntados se sentiam alegres e bem dispostos no ambiente de trabalho, pode-se dizer que a média indica um panorama satisfatório. Embora apenas 9 respondentes (2,9%) tenham indicado que se sentiam alegres todo o tempo, foram 92 (30,1%) afirmando que se sentiam assim a maior parte do tempo e 80 (26,1%) mais da metade do tempo. Esse nível de maior alegria soma, portanto, 59,1% dos jornalistas entrevistados.

Não podemos ignorar, entretanto, que os outros 40,9% também atuam em nossas redações no Nordeste, se sentindo alegres menos da metade do tempo (58 respondentes - 19%); apenas algumas vezes (60 respondentes - 19,6%) ou nunca (7 respondentes - 2,3%).

Tabela 93.1 - Me senti alegre e bem disposta (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	9	2,9
A maior parte do tempo	92	30,1
Mais da metade do tempo	80	26,1
Menos da metade do tempo	58	19,0



Algumas vezes	60	19,6
Nunca	7	2,3
Total	306	100,0

Quando o critério é a sensação de calma e tranquilidade, o panorama já é menos favorável, apresentando um equilíbrio entre os jornalistas entrevistados. Cabe mencionar, inclusive, que a frequência de profissionais que nunca se sentem calmos (17 jornalistas - 5,6%) é maior do que aqueles que se sentem assim todo o tempo (12 respondentes - 3,9%).

Entre os que se sentem mais calmos, temos 84 jornalistas (27,5%) que assim se sentem na maior parte do tempo e 69 (22,5%) mais da metade do tempo, totalizando 53,9% dos profissionais tendo uma perspectiva mais positiva do seu trabalho no sentido da calma e tranquilidade. Com uma visão mais negativa, além dos que nunca se sentem assim, temos que considerar os que se sentem calmos e tranquilos menos da metade do tempo (71 respondentes - 23,2%) e algumas vezes (53 respondentes - 17,3%).

Tabela 93.2 - Me senti calma (o) e tranquila (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	12	3,9
A maior parte do tempo	84	27,5
Mais da metade do tempo	69	22,5
Menos da metade do tempo	71	23,2
Algumas vezes	53	17,3
Nunca	17	5,6
Total	306	100,0

Um certo equilíbrio também foi verificado na pergunta que questionava se o jornalista se sentia ativo e enérgico no ambiente de trabalho: foram 55,9% com uma visão mais



positiva sobre o aspecto e 44,1% com uma visão mais negativa. Entre as respostas mais positivas, tivemos 14 (4,6%) para o item "todo o tempo", 77 (25,2%) para o item "a maior parte do tempo" e 80 (26,1%) para "mais da metade do tempo".

Nas perspectivas mais negativas sobre se sentir ativo e enérgico, tivemos 70 respondentes (22,9%) afirmando que assim se sentiam em menos da metade do tempo de exercício profissional, 55 (18,0%) apenas algumas vezes e 10 (3,3%) não se sentindo desse modo em nenhuma ocasião.

Esse cenário de certo equilíbrio entre os profissionais nordestinos que se sentem alegres, calmos e tranquilos no exercício profissional é discrepante, de certa forma, com o cenário nacional da pesquisa, que revelou que, quando é o assunto é carga horária de trabalho são 45,8% satisfeitos (37,3% estão satisfeitos e 8,5% muito satisfeitos) contra 30,8% insatisfeitos (22,9% insatisfeitos e 7,9% muito insatisfeitos). Ou seja, embora no Brasil, a maioria dos jornalistas tenda para uma maior satisfação, no contexto nordestino, a amplitude de diferença entre os números de satisfeitos é menos expressiva, revelando uma tendência menos forte para a satisfação.

Tabela 93.3 - Me senti ativa (o) e enérgica (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	14	4,6
A maior parte do tempo	77	25,2
Mais da metade do tempo	80	26,1
Menos da metade do tempo	70	22,9
Algumas vezes	55	18,0
Nunca	10	3,3
Total	306	100,0

O cenário acima reflete, porém, de uma maneira negativa, a "energia" dos profissionais, sobretudo quando a pergunta se refere ao fato do jornalista acordar relaxado e repousado. O percentual de profissionais do Nordeste que relataram nunca acordarem assim (34



respondentes - 11,1%) é quase o triplo dos jornalistas que relataram sempre acordarem bem (12 respondentes - 3,9%).

Isso se reflete nos demais estratos da pergunta. São 48 jornalistas (15,7%) acordando bem a maior parte do tempo e 55 (18%) mais da metade do tempo, em contraste a 75 profissionais (24,5%) sentindo relaxamento matinal menos da metade do tempo e 82 (26,8%) apenas algumas vezes.

Tabela 93.4 - Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	12	3,9
A maior parte do tempo	48	15,7
Mais da metade do tempo	55	18,0
Menos da metade do tempo	75	24,5
Algumas vezes	82	26,8
Nunca	34	11,1
Total	306	100,0

É preocupante também notar que os jornalistas nordestinos não sentem que suas rotinas laborais são preenchidas com coisas que os interessem. Foram apenas 46,1% dos profissionais com uma perspectiva mais positiva sobre esse interesse contra 53,9% com uma visão mais negativa. É verdade que os dados podem até apontar para um equilíbrio numérico, mas é bastante preocupante considerar que não é a maioria dos jornalistas que se sente interessado pelo seu exercício profissional diário.

Detalhando os dados: foram 17 jornalistas (5,6%) afirmando que estão sempre interessados contra 24 (7,8%) que afirmaram nunca se sentirem assim. Foram 64 profissionais (20,9%) que se declararam interessados a maior parte do tempo contra 78 (25,5) apenas algumas vezes. E foram 60 (19,6%) jornalistas que disseram que se sentem preenchidos com coisas interessantes mais da metade do tempo contra 63 (20,6%) que assim se sentem menos da metade do tempo.



Podemos, mais uma vez, relacionar esses dados com o panorama nacional de uma maneira discrepante, já que a pesquisa em todo o Brasil em 2021 indicou uma maior satisfação dos profissionais em realizar seu trabalho: 64,7% dos respondentes se declararam satisfeitos (49,5% satisfeitos e 15,2% muito satisfeitos) e apenas 15,5% afirmaram estar insatisfeitos (11,8% de insatisfeitos e 3,7% muito insatisfeitos).

Tabela 93.5 - Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	17	5,6
A maior parte do tempo	64	20,9
Mais da metade do tempo	60	19,6
Menos da metade do tempo	63	20,6
Algumas vezes	78	25,5
Nunca	24	7,8
Total	306	100,0

Com relação às dores apresentadas pelos profissionais, foram duas as perguntas mais específicas em nosso questionário: a primeira sobre dores no corpo (como braços, pernas, costas, mãos e pés - tabela 94.1) e a segunda sobre dor de cabeça (tabela 94.2). Nesse sentido, pontuamos que o cenário é alarmante.

Apenas 8 respondentes (2,6%) afirmam nunca terem sentido dores no corpo referente à atividade laboral e somente 12 (3,9%) declararam o mesmo sobre dor de cabeça. Por outro lado, aqueles que afirmam sentirem dores diárias temos 68 jornalistas (22,2%) para dores no corpo e 23 (7,6%) para dores de cabeça.

Os percentuais mais altos para dores no corpo são de profissionais que as sentem com frequência (100 respondentes - 32,7%) e de vez em quando (95 respondentes - 31%). Já para as dores de cabeça os percentuais mais expressivos são para o problema ocorrer de vez em quando (103 respondentes - 33,9%) e raramente (88 respondentes - 28,9%).



Tabela 94.1 - Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	68	22,2
Com frequência	100	32,7
De vez em quando	95	31,0
Raramente	35	11,4
Nunca	8	2,6
Total	306	100,0

Tabela 94.2 - Dor de cabeça

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	23	7,6
Com frequência	78	25,7
De vez em quando	103	33,9
Raramente	88	28,9
Nunca	12	3,9
Total	304	100,0

Os distúrbios digestivos, contudo, não parecem ser um problema tão expressivo quanto as dores anteriormente relatadas. Embora o percentual mais alto de profissionais que afirmaram sofrerem com esses distúrbios de vez em quando (102 respondentes - 33,6%), apenas 16 profissionais (5,3%) alegam ter o problema diariamente, ou seja, relatam um problema crônico.

Além disso, mais do dobro (36 respondentes - 11,8%) afirmam nunca terem sentido tais distúrbios e 99 jornalistas (32,6%) alegam senti-los raramente. Cabe ressaltar, porém,



que 51 profissionais (16,8%) apontaram distúrbios digestivos frequentes, o que já um sinal de alerta para esse problema dentro das redações do nordeste brasileiro.

Tabela 94.3 - Distúrbios digestivos

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	16	5,3
Com frequência	51	16,8
De vez em quando	102	33,6
Raramente	99	32,6
Nunca	36	11,8
Total	304	100,0

Os dados apresentados até aqui também apontam para alterações cada vez mais frequentes no que se refere ao cotidiano dos jornalistas, como questões de sono e apetite. A maioria esmagadora de jornalistas entrevistados (77,4%) afirmou sentir alterações no sono, seja diariamente (68 respondentes - 22,2%), com frequência (93 respondentes - 30,4%) ou de vez em quando (76 respondentes - 24,8%). Apenas 49 jornalistas (16%) sentem tais alterações raramente e 20 (6,5%) nunca sentiram.

Mais uma vez, as questões digestivas aparecem em menor medida, mas já evidenciam um fator a ser observado entre os profissionais. Embora o percentual mais alto seja de jornalistas que raramente sentem alterações no apetite (109 respondentes - 35,9%), são relevantes os números das outras opções. Foram 19 jornalistas (6,3%) com alterações no apetite diárias, 47 (15,5%) com frequência e 79 (26%) de vez em quando.

Tabela 94.4 - Alterações no sono

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	68	22,2
Com frequência	93	30,4
De vez em quando	76	24,8



Raramente	49	16,0
Nunca	20	6,5
Total	306	100,0

Tabela 94.5 - Alterações no apetite

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	19	6,3
Com frequência	47	15,5
De vez em quando	79	26,0
Raramente	109	35,9
Nunca	50	16,4
Total	304	100,0

As relações entre jornalistas no trabalho e com seus familiares, diferentemente da maioria dos demais fatores estudados, não aparentam trazer maiores problemáticas. Afinal, nas duas perguntas (sobre dificuldades nas relações de trabalho e conflitos nas relações familiares), o percentual mais expressivo foi o "raramente": na questão laboral foram 112 respondentes (36,6%) e na questão familiar foram 123 respondentes (40,2%).

Esse panorama se reflete também quando comparamos os extremos das tabelas. Quando se fala em dificuldades nas relações de trabalho, são 69 jornalistas (22,5%) afirmando que nunca passaram por isso e 19 profissionais (6,2%) que afirmam ter esse problema diariamente. A mesma discrepância pode ser percebida com relação aos conflitos familiares: são 49 jornalistas (16%) relatando nunca sentir isso enquanto apenas 6 profissionais (2%) passam por esses problemas todos os dias.

Esses percentuais especificamente surpreendem se comparados com o levantamento sobre assédio moral e sexual no trabalho realizado pelo levantamento nacional. Nele, o assédio moral no trabalho foi confirmado por 40,6% dos jornalistas respondentes relataram terem sofrido assédio moral e 11,1%, assédio sexual. No que se refere à violência no



ambiente laboral, o estudo realizado em âmbito nacional revelou que 32,7% já sofreram violência verbal no trabalho, enquanto 2,6% foram agredidos/as fisicamente no trabalho ou em decorrência dele, além disso, outros 29,1% sofreram ataques ou ameaças virtuais em decorrência do seu trabalho. Outro número que não revela uma maioria, mas que é de uma expressão alarmante, é que 42,9% já foram constrangidos/as no trabalho por gestores ou superiores.

A discrepância do cenário apresentado nas respostas dos jornalistas nordestinos, portanto, surpreende, mas pode ter uma explicação no próprio relatório nacional, que indicou que apenas 7% dos jornalistas respondentes já formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão. Ou seja, nem sempre os casos são denunciados ou, muitas vezes, sequer são compreendidos como assédio. Até porque, apesar dos dados nacionais acima, o relatório de 2021 acabou concluindo pelos graus de satisfação dos jornalistas respondentes que há uma boa interação entre trabalhadores nas relações de trabalho. Esses são, sem dúvidas, dados que soam até contraditórios, mas que, justamente por isso, demandam uma investigação mais detalhada e aprofundada.

Tabela 94.6 - Dificuldades nas relações de trabalho

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	19	6,2
Com frequência	29	9,5
De vez em quando	77	25,2
Raramente	112	36,6
Nunca	69	22,5
Total	306	100,0

Tabela 94.7 - Conflitos nas relações familiares

	Frequência	Percentual válido
--	------------	-------------------



Diariamente	6	2,0
Com frequência	37	12,1
De vez em quando	91	29,7
Raramente	123	40,2
Nunca	49	16,0
Total	306	100,0

É claro que todo esse panorama dos profissionais das redações jornalísticas brasileiras, e aqui mais especificamente nordestinas, reflete no comportamento dos seus jornalistas de uma maneira geral, encadeando (ou não) aspectos como agressividade, tristeza, perda de autoconfiança, cansaço extremo e estresse. São dados como esses que analisamos a seguir.

No que se refere à tristeza, os dados são relativamente equilibrados, embora pendam mais para o lado negativo. Isso porque, ainda que apenas 11 profissionais (3,6%) afirmam serem agressivos diariamente, 98 (32%) o são de vez em quando. Inclusive, esse é o percentual mais alto neste item, o que pode revelar um perfil preocupante. São outros 43 jornalistas (14,1%) também pendendo para a agressividade com frequência contra 96 (31,4%) que o são raramente e 58 (19%) nunca.

Tabela 94.8 - Agressividade

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	11	3,6
Com frequência	43	14,1
De vez em quando	98	32,0
Raramente	96	31,4
Nunca	58	19,0
Total	306	100,0



A tristeza traz percentuais semelhantes, na medida em que o percentual mais alto é senti-la de vez em quando (110 respondentes - 35,9%). Mas, diferentemente da agressividade, cabe ressaltar que a tristeza é mais sentida diariamente (34 respondentes - 11,1%) do que nunca (17 respondentes - 5,6%). Nesse caso, trata-se de um fator a ser abordado com ainda mais atenção, na medida em que é praticamente o dobro de casos diários em comparação à inexistência da tristeza no ambiente de trabalho.

Tabela 94.9 - Tristeza

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	34	11,1
Com frequência	67	21,9
De vez em quando	110	35,9
Raramente	78	25,5
Nunca	17	5,6
Total	306	100,0

Uma espécie de equilíbrio nos dados retorna quando é abordada a perda da autoconfiança. Mais uma vez, o percentual mais alto é de profissionais que a sentem de vez em quando (96 respondentes - 31,4%). Porém, quando observamos os extremos da tabela os dados são bastante próximos: 34 jornalistas (11,1%) relataram essa sensação diariamente em contraposição a 38 profissionais (12,4%) que nunca a sentiram. Cabe destacar que o equilíbrio se repete quando analisamos os outros dois dados: são 76 jornalistas (24,8) sentindo perda de autoconfiança com frequência, enquanto 62 (20,3%) a sentem raramente.

Tabela 94.10 - Perda de autoconfiança

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	34	11,1
Com frequência	76	24,8



De vez em quando	96	31,4
Raramente	62	20,3
Nunca	38	12,4
Total	306	100,0

Quando os jornalistas são questionados sobre a sensação de cansaço extremo, novamente a resposta mais frequente é "de vez em quando", com 86 respondentes (28,2%). O segundo maior índice é "com frequência", que foi sinalizado por 80 profissionais (26,2%). Outros 52 jornalistas (17%) responderam "diariamente", o que totaliza 71,4% dos respondentes e revelando um cenário alarmante para essa problemática. No outro extremo da tabela, são apenas 28,5% dos profissionais, sendo que 64 (21%) sente cansaço apenas raramente e somente 23 (7,5%) nunca se sentem assim.

No relatório nacional, as alegações de cansaço foram menos expressivas, inclusive com os relatores indicando uma possível normalização dos jornalistas quanto à intensidade de sua rotina de trabalho e pontuando que deveria ser uma questão melhor observada pela pesquisa. No caso do Nordeste especificamente, fica muito evidente que a situação não parece tão equilibrada e que o cansaço é extremo na grande maioria dos casos. Ou seja, pode ser que em outras regiões do país o ritmo de trabalho seja considerado aceitável pelos jornalistas. Mas essa não é a realidade nordestina.

Tabela 94.11 - Cansaço extremo

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	52	17,0
Com frequência	80	26,2
De vez em quando	86	28,2
Raramente	64	21,0
Nunca	23	7,5
Total	305	100,0



O estresse, porém, aparenta ser a maior das problemáticas enfrentadas pelos jornalistas nordestinos no sentido que aqui estamos abordando. Foram 93 profissionais (30,4%) afirmando que se sentem estressados com frequência, 59 (19,3%) assim se sentem diariamente e 89 (29,1%) de vez em quando. Ou seja, são 78,8% dos respondentes indicando a presença do estresse em sua rotina laboral com frequência significativa. Apenas 21,3% não vivem o seu exercício profissional dessa maneira, evidenciando uma realidade muito preocupante para a prática jornalística no Nordeste. Foram 48 respondentes (15,7%) afirmando que se sentem estressados raramente e apenas 17 (5,6%) alegando que nunca se sentem assim.

No que se refere ao estresse, o Nordeste reflete o cenário nacional, revelando o que é, talvez, um dos maiores problemas da rotina de trabalho jornalística. No contexto brasileira, a maior parte dos jornalistas respondentes (66,2%) afirmou sentir estresse no trabalho, inclusive com a quase totalidade desse grupo (65,9%) tendo o estresse diagnosticado. Outros 20,1% responderam que receberam o diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho. O consumo de antidepressivos já foi uma realidade para 31,4% dos jornalistas que responderam à pesquisa, sendo que 7,4% já precisou pegar licença de trabalho por problemas de saúde mental.

É difícil apontar motivos para esse cenário, mas alguns foram indicados pela pesquisa nacional e podem nos auxiliar a compreender também a realidade nordestina: a maioria dos profissionais (55,8%) acredita que seus esforços não são reconhecidos no trabalho e 7 em cada 10 jornalistas (71,5%) afirmam ser comum trabalhar mais que o período contratado, por meio de horas extras.

Tabela 94.12 - Stress

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	59	19,3
Com frequência	93	30,4
De vez em quando	89	29,1
Raramente	48	15,7



Nunca	17	5,6
Total	306	100,0

7.1 Código de Ética e valores

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021) também se empenhou em coletar dados acerca da percepção dos profissionais sobre “Código de Ética e Valores”, dentro de temática mais ampla que envolveu a qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos. No que diz respeito aos dados específicos da região Nordeste, a pesquisa inicia questionando aos profissionais se eles conhecem o Código de Ética do Jornalista Brasileiro (conforme tabela abaixo). Dos 306 respondentes, 254 afirmaram conhecer (83%) e 52 afirmaram não conhecer o Código de Ética (17%). O percentual de profissionais que responderam positivamente ao questionamento é superior aos dados nacionais, onde 74,8% dos respondentes afirmaram conhecer e código de ética e 25% afirmaram não conhecer.

Tabela 95 - Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

	Frequência	Percentual válido
Sim	254	83.0
Não	52	17.0
Total	306	100.0

No que diz respeito à qualidade do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, a maioria dos respondentes (88.9%) apontou algum problema a ser melhorado e um grupo pequeno (11%) considerou o Código “atual, suficiente e completo”. Dos 253 respondentes nesse quesito, 37,9% (96 pessoas) acreditam que o Código de Ética é “atual”, porém é insuficiente e incompleto. Outros 24,1% acreditam que o Código é “desatualizado, mas suficiente e completo” e 26.9% acreditam que ele é “Desatualizado, insuficiente e incompleto”. Mais da metade dos respondentes consideraram o Código incompleto (64.8%), insuficiente ((64.8%) e desatualizado (51%). Os números são similares aos dados nacionais, onde 66.4%



consideram o Código de Ética “insuficiente e incompleto” e 44.7% o consideram “desatualizado”.

Tabela 95 - Você considera que este código é:

	Frequência	Percentual válido
Atual, suficiente e completo	28	11.1
Atual, mas insuficiente e incompleto	96	37.9
Desatualizado, mas suficiente e completo	61	24.1
Desatualizado, insuficiente e incompleto	68	26.9
Total	253	100.0

Agora, adentramos à percepção dos jornalistas nordestinos acerca dos valores necessários para se trabalhar com ética. No que diz respeito à “credibilidade”, 99% dos respondentes acreditam que ela é muito importante ou extremamente importante para um trabalho ético. Desses, 87.9% optaram pela opção “extremamente importante”. Apenas 1% (3, em um universo de 305 respondentes) considerou mais ou menos importante. Nenhum respondente optou pela opção “pouco importante” ou “sem importância”. Os números são semelhantes aos dados da pesquisa nacional, na qual 98.8% consideram a credibilidade como muito importante ou extremamente importante para um trabalho ético.

Tabela 96.1 - Credibilidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	268	87.9
Muito importante	34	11.1
Mais ou menos importante	3	1.0



Total	305	100.0
-------	-----	-------

No que diz respeito à diversidade, 97.7% dos respondentes acreditam que ela é muito importante ou extremamente importante para o exercício profissional com ética. Apenas 1.6% acredita ser mais ou menos importante e 0.7% pouco importante. Os números praticamente espelham os dados nacionais, onde 96.2% consideram a “diversidade” muito importante ou extremamente importante. Vale destacar que nenhum respondente da região nordeste considerou a diversidade como um valor ético “sem importância”.

Tabela 96.2 – Equilíbrio

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	226	74.1
Muito importante	72	23.6
Mais ou menos importante	5	1.6
Pouco importante	2	0.7
Total	305	100.0

Ao abordar a questão do “equilíbrio”, 95.7% dos respondentes acreditam que ele seja “muito importante ou extremamente importante”. Desses, 66.8% o consideram como “extremamente importante”. Apenas 3.9% acredita ser “mais ou menos importante” e 0.3% “pouco importante”. Em comparação aos dados nacionais, não observou-se disparidade, uma vez que 94,6% dos respondentes no Brasil optaram pela opção “muito importante ou extremamente importante”.

Tabela 96.3 - Diversidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	203	66.8



Muito importante	88	28.9
Mais ou menos importante	12	3.9
Pouco importante	1	0.3
Total	304	100.0

Aqueles/as jornalistas que veem a imparcialidade como muito importante ou extremamente importante somam 74.5% do total de respondentes da pesquisa. Dessa forma, seguindo o que observou a pesquisa nacional, a imparcialidade registrou a menor porcentagem de importância (muito importante ou extremamente importante) entre os valores listados para um trabalho ético. Além disso, 14.2% acredita ser mais ou menos importante, 8.6% pouco importante e 2,6% acreditam ser sem importância.

Tabela 96.4 - Imparcialidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	141	46.7
Muito importante	84	27.8
Mais ou menos importante	43	14.2
Pouco importante	26	8.6
Sem importância	8	2.6
Total	302	100.0

No quesito justiça, 98.3% dos respondentes julgaram este valor muito importante ou extremamente importante. Apenas 1.3% acredita ser mais ou menos importante e 0.3% pouco importante. Os números neste aspecto também espelham, praticamente na sua integralidade, os dados nacionais, que registraram uma aderência 99% de importância (muito ou extremamente) a esse valor.



Tabela 96.5 - Justiça

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	248	81.3
Muito importante	52	17.0
Mais ou menos importante	4	1.3
Pouco importante	1	0.3
Total	305	100.0

Entre os respondentes, 98,6% acreditam que a liberdade é muito importante ou extremamente importante. Apenas 1.3% (4, num universo de 303 respondentes) considerou mais ou menos importante. A liberdade, assim como o valor de “credibilidade”, não registrou respostas que a consideram “pouco e sem importância”. Em relação aos números nacionais, há entre os respondentes nordestinos a mesma percepção que atribui um maior grau de importância ao valor da “liberdade”, uma vez que 99% dos brasileiros responderam “muito importante ou extremamente importante”.

Tabela 96.6 - Liberdade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	258	85.1
Muito importante	41	13.5
Mais ou menos importante	4	1.3
Total	303	100.0

Do universo de 305 jornalistas respondentes à pesquisa, 84,9% acreditam que a objetividade é muito importante ou extremamente importante. Entre os valores considerados



importantes (muito ou extremamente), a objetividade apresenta o segundo menor percentual, ficando atrás apenas da imparcialidade. Essa mesma característica foi identificada na pesquisa nacional, onde 61% dos respondentes consideraram o valor como “extremamente importante” e 27%, como “muito importante”. Além disso, 12.1% acredita ser mais ou menos importante, 2.6% pouco importante e apenas 0.3% acreditam ser sem importância. Outro aspecto importante a ser observado é que apenas os valores de “imparcialidade”, “objetividade” e “verdade” registraram a opção “sem importância” entre os respondentes.

Tabela 96.7 - Objetividade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	173	56.7
Muito importante	86	28.2
Mais ou menos importante	37	12.1
Pouco importante	8	2.6
Sem importância	1	0.3
Total	305	100.0

No que diz respeito à pluralidade, 97.4% dos respondentes consideram o valor como “muito importante ou extremamente importante”. Apenas 2% acredita ser mais ou menos importante e 0.7% pouco importante. Os números seguem a média nacional, em que 96,7% dos respondentes atribuíram um grau de importância (muito ou extremamente) ao valor da pluralidade em relação ao exercício ético profissional.

Tabela 96.8 - Pluralidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	227	74.7
Muito importante	69	22.7



Mais ou menos importante	6	2.0
Pouco importante	2	0.7
Total	304	100.0

O valor da transparência foi o apresentou um maior percentual de importância (muito ou extremamente) entre todos os demais. Ao todo, 99,1% dos os/as jornalistas nordestinos acreditam que a “transparência” é muito importante ou extremamente importante para um exercício ético profissional do jornalismo. Apenas 0.7% acredita ser mais ou menos importante e 0.3% pouco importante. Esse item tem ainda o segundo maior percentual entre os valores tidos como “extremamente importantes”. Nacionalmente há uma divergência, uma vez que o valor da “liberdade” é o que obteve o maior percentual (99%) entre os tidos como “muito ou extremamente importantes”.

Tabela 96.9 - Transparência

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	265	87.5
Muito importante	35	11.6
Mais ou menos importante	2	0.7
Pouco importante	1	0.3
Total	303	100.0

O valor da “verdade”, por sua vez, apresentou o segundo maior percentual de importância (muito ou extremamente) entre os demais, com 98.7% dos respondentes. Apesar disso, foi o valor que obteve o maior percentual entre aqueles tidos como “extremamente importantes” (90,2%). Apenas 1% acredita ser mais ou menos importante e 0.3% sem importância.



Tabela 96.10 - Verdade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	275	90.2
Muito importante	26	8.5
Mais ou menos importante	3	1.0
Sem importância	1	0.3
Total	305	100.0

Ainda dentro do aspecto ético, a pesquisa perguntou aos jornalistas nordestinos se eles consideram que têm condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística. Nesse aspecto, 78,4% dos respondentes considera que tem condições profissionais totais para atuar em acordo com os valores éticos da profissão. Entretanto, há de se considerar que 17% acredita ter condições parciais e 4,6% não ter condições. Um número razoável, que indica que pelo menos 1 a cada 5 jornalistas têm algum grau de dificuldade (parcial ou total) de atuar eticamente na profissão. Os números são similares aos nacionais, que registraram essa dificuldade em 18,2% dos respondentes.

Tabela 97 - Você considera que tem condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

	Frequência	Percentual válido
Sim, tenho condições totais para isso	239	78.4
Não, não tenho	14	4.6
Parcialmente	52	17.0
Total	305	100.0

No quesito "O que impede que você exerça o jornalismo eticamente", se sobressai o



item "Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros", com 65,2% das respostas. Em seguida vieram as opções "Desestímulo e dificuldades no local de trabalho", com 34,8%, e "Sobrecarga de trabalho e falta de tempo", com 33,3%. Importante ressaltar que a soma das respostas é maior que a de respondentes pelo fato de a questão permitir a escolha de mais de um item.

Tabela 98 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?

	Frequência	Percentual válido
Despreparo técnico	4	6.1
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	23	34.8
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	22	33.3
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	43	65.2
Trabalho fora da mídia	10	15.2
Trabalho como docente	2	3.0
Outro. Qual? ⁹	2	3.0
Total de respondentes válidos	305	100.0

Olhando de um ponto de vista macro, as respostas dão conta que os profissionais têm conhecimento, tanto do código de ética profissional quanto das implicações que os impedem de exercer a profissão sem levar à risca o que diz o referido código. A percepção crítica dessa realidade não condiciona os profissionais a uma postura antiética necessariamente, todavia, conduz uma percepção cada vez mais crítica do formato de jornalismo mainstream, convencional.

Valores como imparcialidade e objetividade, que hoje encontraram forte crítica a partir da aderência dos estudos decoloniais aplicados ao jornalismo e à comunicação, foram

⁹ As respostas "Outro. Qual?" referem-se, nas duas ocorrências, à linha editorial da empresa.



os que menos apresentaram grau de importância entre os profissionais respondentes e os únicos (junto com “verdade”) a apresentarem, na pesquisa regional, a opção “sem importância”. Isso mostra, talvez, o início de uma percepção mais crítica dos profissionais nordestinos à determinados critérios fundados sob a lógica ocidental do paradigma da objetividade jornalística.

Em outro movimento é ainda possível observar que valores como “pluralidade”, “liberdade” e “diversidade”, tiveram um percentual de importância superior à 97% (respectivamente: 97.4%, 98.6% e 97.7%). Valores esses que emergem como basilares de outros modos de fazer jornalismo, sobretudo, os de base popular, comunitária, alternativos e independentes.

Muito embora ainda não possamos falar em um cenário favorável a, do ponto de vista ético, repensar as lógicas hegemônicas que regem o jornalismo, acreditamos que os números da região nordeste, retirados da Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, apontam para uma abertura possível do debate acerca dos limites impostos pelas objetividade jornalística e as implicações do modo hegemônico de fazer fazer jornalismo ao exercício profissional ético e responsável.

7.2 Comentários e avaliações da pesquisa

Na última questão, o estudo abriu espaço qualitativo para que os respondentes pudessem discorrer livremente: “Comente caso queira fazer alguma observação adicional a respeito do tema da pesquisa, questionário e/ou outro relacionado à sua experiência como jornalista/docente”. As 59 respostas trazem opiniões diversas. Para fins de organização, tentamos encaixá-las nas seguintes categorias: relevância da pesquisa; reflexão ou desabafo sobre a profissão; críticas, apontamento e sugestões à pesquisa; situações não contempladas na pesquisa; valores éticos; assédio e formas de discriminação; considerações sobre as condições de trabalho; desvalorização da profissão e mudanças no modelo de negócios; contexto de pandemia de Covid-19; pressões no exercício do jornalismo; importância do jornalismo para a sociedade; trabalho na docência; e outros (tabela 99).

Obviamente que alguns dos comentários poderiam ser encaixados em dois ou mais



itens, mas priorizou-se a classificação pelo conteúdo que entendemos que sobressai em relação aos demais.

Tabela 99 - Respostas abertas dos jornalistas nordestinos com observações gerais sobre a pesquisa

Relevância da Pesquisa

"A pesquisa constitui como instrumento de extrema importância para conhecimento do perfil dos jornalistas."

"A pesquisa está muito bem estruturada e dará uma grande contribuição aos jornalistas quando for divulgada."

"Considero essa pesquisa fundamental. A divulgação desses dados ajudará a instrumentalizar a categoria. A cada dia está mais difícil as relações de jornalistas com as direções sindicais, agem como os padrões tradicionais com gestão vertical e metas abusivas."

"Esta é a primeira vez que participo da pesquisa e acredito que ela é de grande valia para se estudar a atual conjuntura dos profissionais de Comunicação, mas especialmente, os jornalistas, suas habilidades e experiências profissionais."

"Excelente"

"Muito boa abordagem"

"Muito bom esse levantamento"

"Muito bom os questionamentos espero ter contribuído."



"Muito bom para levantar as condições dos jornalistas no Brasil"

"Muito importante esta pesquisa. É preciso conhecer a realidade dos jornalistas brasileiros, em especial neste momento quando a profissão vem sendo atacada e desvalorizada."

"Ótima pesquisa para observar o perfil dos profissionais do setor!"

"Ótima pesquisa. Deveria ser aplicada em todos os estados, por intermédio dos sindicatos e /associações de imprensa."

"Ótimo"

"Parabéns pela iniciativa!"

"Parabéns! Gostaria de saber os resultados depois dessa pesquisa! Adorei participar! Obrigada"

"Pesquisa importante e relevante. Parabéns à equipe. Tenho divulgado com os colegas e amigos profissionais a pesquisa. E quero receber o resultado. Sucesso!!!"

"Pesquisa muito boa!"

"Pesquisa muito boa. Ainda sofremos no Nordeste, principalmente em Sergipe, com um péssimo piso salarial. Para completar, as empresas de jornalismo impresso estão cada dia piores"

"Questionário completo e satisfatório "

Uma iniciativa importante e vai retratar as dificuldades da vida do jornalista brasileiro



Reflexão ou desabafo sobre a profissão

"Achei interessante, especialmente porque nos faz praticar uma autoavaliação da nossa profissão, da qualidade de vida projetos e sonhos"

"Especialmente no atual contexto político e social, jornalistas estão em extremo estado de incredibilidade e vivências negativas. A população está com uma péssima imagem da categoria, que, como sempre, está subordinada a interesses políticos e hierárquicos, mas acaba levando a culpa e sendo coagida e escolhas editoriais que não representam e contribuem com esse ciclo negativo e vicioso."

"Sou exceção pois tenho 56 anos, estou aposentada há dois anos como jornalista e há um ano ingressei por concurso numa empresa pública como assessora de comunicação."

"Trabalho em agência de fotojornalismo e tenho notado que o fato das assessorias de imprensa distribuírem fotografias gratuitas e em tempo real para os veículos de comunicação tem afetado de forma muito negativa o meu ramo de atividade. Outra coisa que atrapalha demais é a gente pedir credenciamento para uma determinada cobertura e ter o pedido negado, sem nenhuma justificativa para isso."

Críticas, apontamentos e sugestões à pesquisa

" "Extrema esquerda" ??? foi isso mesmo que eu li? Foi Eduardo Bolsonaro quem escreveu esse questionário? Só faltou dizer que o nazismo é de esquerda. Faça mil favores viu. kkkkk. Piada"

"Achei longo"

"Alguns perguntas não tinham resposta que eu daria, então aproximei ao tema."

"Em uma pesquisa futura poderia se incluir que área dentro do ensino de jornalismo o professor atua. Ex: telejornalismo, teorias, webjornalismo, fotojornalismo etc."



"Muito grande e cansativa a pesquisa. Vcs precisam ser mais resumidos. Não terá muita adesão, na metade , o povo já desiste de responder . Só respondi , por caridade mesmo."

"Parabéns pelo questionário. Realmente muito amplo. Mas poderia abrir espaço para apresentação de ideias, situações, problemas e soluções. Poderia enriquecer ainda mais o resultado."

"Seria importante entrar um pouco também no campo dos jornalistas que seguem estudando, seja para mudar de área, para se especializar, para se atualizar ou para ser pesquisadora/pesquisador"

Situações não contempladas na pesquisa

"A pesquisa poderia abranger experiências diferentes da atual."

"A pesquisa poderia contemplar trabalhos jornalísticos não remunerados (voluntários) realizados simultaneamente pelos entrevistados."

"Perguntar se tem veiculou ou casa própria"

"Senti falta de algo a respeito das atividades com o uso das redes sociais e também algo mais específico para quem segue 'carreira solo' - autônomo. Os que pensam em investir no próprio negócio, mas na área de comunicação."

Valores éticos

"Imparcialidade não existe. Termina na definição da pauta."



"O dia a dia no local de trabalho, exercendo nossas atividades, acaba fazendo com que não sigamos como deveríamos, as vezes, a ética no jornalismo, principalmente no caso de "questões menores" envolvendo esse assunto."

Assédio e formas de discriminação

"Faltou um campo para relatar experiências de assédio moral anteriores ao trabalho atual, por exemplo."

Considerações sobre condições de trabalho

"A experiência profissional e credibilidade no mercado me deram condições diferenciadas para exercer minhas atividades"

"As novas leis trabalhistas prejudicaram muito o trabalho do jornalista"

"Já estive em situação muito melhor, em termos financeiros e de direitos trabalhistas, mas a falta de vagas forçou a minha demissão, pois tratava-se de vaga temporária, mesmo com CLT. Hoje, pejetizada, os direitos e benefícios adicionais me fazem muita falta, e meu salário é pago em atraso e parceladamente"

"Precisa se abrir mais vagas na área de jornalismo para LGBTQIA+"

Desvalorização da profissão e mudanças no modelo de negócios

"A minha observação é sobre a necessidade de compreender a atuação de um jornalista profissional, em contexto de transformações, marcada pelo reconhecimento de padrões, em relação à atividade, de outra época."



“A nossa remuneração é vergonhosa. E isso não é de hoje, pelo advento das redes sociais. Tb não vejo mercado para tanta faculdade de jornalismo. Essas instituições vendem algo q n existe, pois n tem mercado, n tem emprego.”

“A profissão está cada dia mais desvalorizada”

Contexto de pandemia de Covid-19

“O docente no período de pandemia ficou bastante sobrecarregado com as atividades diárias. Por trabalho ser realizado em casa, o acúmulo de exigências para as realizações são inúmeras. Refiro-me pessoais e profissionais.”

Pressões no exercício do jornalismo

“A pesquisa é importante e necessária e deve ser mantida em períodos definidos (3, 4, 5 anos) para atestarmos a evolução da situação dos profissionais. Deve aprofundar o questionamento sobre a capacidade de independência e liberdade do profissional em relação ao poder de veto das empresas-patrões. A quem deve pertencer os meios de comunicação? ”

“Respondi a pesquisa conforme meu vínculo de emprego hoje, que é muito específico, não conforme experiências anteriores e como vejo a situação profissional, inclusive tomando em conta as situações que observo entre conhecidos. No Brasil, ainda há este mito sustentado muitas vezes pela própria categoria que confunde a defesa da liberdade de imprensa com a ideia de que isso é suficiente para sustentar a prática de um jornalismo decente e honesto. O jornalismo corporativo brasileiro atende a interesses de grupos poderosos de poder e é incapaz de atuar colaborando para a promoção de cidadania em uma sociedade marcada por abissais desigualdades. O jornalista comprometido com a deontologia do ofício fatalmente se encontrará em conflito ético tendo que lidar com práticas abusivas na manipulação das informações e no sensacionalismo que impera. ”



Importância do jornalismo para a sociedade

"Apesar de toda as questões de desrespeito apontadas e bem identificadas na pesquisa, ser jornalista vale muito a pena!!! É um trabalho lindo e socialmente necessário, especialmente em tempos de obscurantismo."

Trabalho na docência

"Eu me sinto frustrado em ensinar alunos de jornalismo que não conseguirão ingressar num mercado de trabalho com salários dignos, numa profissão em crise gravíssima, com pouquíssimas vagas."

Outros

"É preciso modernizar e garantir espaço digital mais presente junto aos jornalistas."

"Em 2020, minhas respostas relacionadas ao emprego anterior seriam completamente diferentes."

"Gostaria que enviasse o resultado dessa pesquisa, se possível! Obrigada!"

"Investir mais em jornalistas investigativos"

"Nada"

"Nada a declarar"



"Não"

"Que as faculdades de jornalismo investissem em psicologia e, MAIS IMPORTANTE DO QUE TUDO: Que seja obrigatório o exercício do jornalismo apenas por quem tem diploma de jornalismo e que não haja preconceito por quem atua em assessorias, porque é uma atividade do jornalismo do mesmo jeito."

"Sei que minha experiência como jornalista, docente e gestora em Jornalismo difere da maioria dos membros de nossa categoria."

"sucesso"

O relatório nacional da Perfil do Jornalista Brasileiro (2022, p. 205) destaca alguns pontos observados nessa participação qualitativa dos entrevistados:

- a) A pesquisa parece ter fomentado a reflexão dos jornalistas, que fizeram considerações sobre o estado de desvalorização da profissão, a precarização, a falta de desenvolvimento e progressão de carreira e a sua experiência pessoal nesse contexto;
- b) Há um sentido de desabafo em muitas respostas, em que se fala sobre deterioração de saúde mental, desesperança e falta de perspectiva;
- c) Alguns apontaram que o questionário não contempla esquemas menos tradicionais / convencionais de emprego e trabalho como jornalista. Sentem necessidade de explicar por escrito suas diversas funções paralelas e/ou ao longo do tempo;
- d) Foi pontuada a necessidade do estudo buscar entender melhor como questões de classe, gênero, orientação sexual e raça afetam o trabalho e as oportunidades dos profissionais;
- e) Aponta-se uma falta de união na categoria para lutar por melhores condições, e dificuldades impostas pela variedade de atuação que a categoria comporta (falta de reconhecimento de assessores como jornalistas, por exemplo). Aqueles que se referiram aos sindicatos indicaram que estes não ajudam muito no processo;



f) Outras questões com alguma reincidência: dificuldades na adaptação à demanda crescente de funções; frustração com apagamento de fronteiras ou deterioração de credibilidade da profissão (todo mundo faz ou quer dizer como fazer"); dificuldades em se impor controle ou sanções no exercício do jornalismo (necessidade de exigência do diploma, órgão regulador).

Assim, abre-se uma série de possibilidades de desdobramentos para novas pesquisas que avancem e aprofundem pontos detectados neste perfil ou mesmo para a realização do próximo Perfil do Jornalista Brasileiro. Este é apenas um primeiro passo para entender a realidade e os desafios dos jornalistas no Brasil, que precisa ser complementado por outros estudos, em especial qualitativos, para conhecer mais pormenorizadamente a realidade de trabalho e atuação desses profissionais — inclusive com recortes regionais e locais.



Considerações finais

O recorte regional dos dados do Perfil do Jornalista Brasileiro de 2021 nos convida a olhar para o profissional jornalista do Nordeste com uma riqueza de detalhes sem precedentes. A amostra de respondentes nordestinos foi de 504 pessoas, em meio a um universo de 3100 informantes no Brasil. As mulheres (54,5%), de 31 a 40 anos (35,3%) e brancas (45,8%) são a maioria dentre as pessoas jornalistas em nossa região. Um perfil não muito distinto de pesquisas anteriores sobre o jornalista brasileiro, mas que convive com mudanças a olhos vistos que se insinuam nos dados desta pesquisa — o jornalista nordestino é, cada vez mais, pertencente a uma faixa etária acima de 40 anos, assumidamente preto e pardo e também melhor instruído do ponto de vista da educação formal, além de possuir, em sua grande maioria, registro profissional.

A dinâmica da profissão não se resume, evidentemente, à sua dimensão sociodemográfica. As condições de trabalho, cuja reconfiguração têm sido exaustivamente investigadas pelos estudiosos do campo, surgem em sua complexidade na concretude dos dados do Perfil. São nítidas, por exemplo, as evidências de precarização das condições laborais no Nordeste, inclusive de forma mais intensa que o identificado na pesquisa nacional. A empregabilidade mais estável no Nordeste atinge menos trabalhadores do jornalismo do que o verificado em escopo nacional. A renda, por sua vez, é outro fator de aviltamento do ofício de jornalista em nossa região — cerca de 60% dos jornalistas nordestinos declararam receber até R\$ 4.400, enquanto nacionalmente esse contingente é de 43,6% dos respondentes.

Mais da metade dos participantes do levantamento indicaram que atuam na mídia, enquanto os jornalistas atuantes fora da mídia (37,7%) e na docência (8,1%) formam um grupo ligeiramente menor. Dentre esses grupos de profissionais ouvidos na pesquisa há em comum uma onipresente (e adoecedora, em muitos casos) exigência de habilidades e atributos, muitos deles decorrentes dos processos de digitalização e plataformização que dão o tom da profissão hodiernamente. A formação superior em jornalismo, que no Nordeste foi cursada por mais de 90% dos respondentes, tem sido objeto de uma guinada tecnicista que contribui para antecipar aprendizados sobre a atividade e agilizar o processo de adaptação dos trabalhadores às dinâmicas produtivas das organizações.

Nesse sentido, o transcurso das atividades de trabalho em jornalismo no Nordeste



possui ambivalências e lacunas. Enquanto uma fatia relevante dos respondentes declara estar satisfeito ou muito satisfeito com a própria experiência profissional, com sua influência social e mesmo com os valores das instituições nas quais atuam, é igualmente digno de nota o avanço dos adoecimentos, notadamente o estresse e as dores físicas. Num olhar mais desavisado, esses dados parecem não conformar uma lógica ou linearidade. Contudo, é possível pontuar que essas são pistas da complexidade de um campo cuja existência é central para as ambições das sociedades democráticas, ao mesmo tempo em que sua sustentabilidade é continuamente ameaçada por agentes políticos, econômicos e tecnológicos.

Ser jornalista no Nordeste é, também, resistir às cada vez mais longas jornadas de trabalho. A maior parte dos respondentes de nossa região (40,1%) cumpre jornada de 7 e 8 horas diárias. No entanto, são quase 35% os profissionais que trabalham mais de 9 horas por dia, não sendo incomuns as ocorrências de profissionais que chegam a 13 ou mais horas trabalhadas num único dia. Esse dado conversa diretamente com a tendência à alta rotatividade dos postos de trabalho — 66,2% dos jornalistas do Nordeste estão em seu trabalho principal há menos de 6 anos. A alta incidência de assédios morais e de outras naturezas desafia, diuturnamente, os sujeitos jornalistas de nossa região e do Brasil, uma vez que essas tendências se verificam nacionalmente.

Esses são ingredientes de uma "bomba-relógio", como definiram os autores do relatório nacional do Perfil do Jornalista, cujos efeitos já se evidenciam e devem perdurar pelos anos vindouros. Contudo, mais do que alertas ou expressões de pessimismo, as evidências aqui elencadas nos fornecem uma agenda para pensar o jornalismo brasileiro e nordestino a partir de balizas como a essencialidade da missão social da profissão — reafirmada pelos respondentes da pesquisa sempre que possível — e a dignidade do trabalhador, essa castigada tanto pelo descaso de certas instituições quanto pelas reconfigurações do capital. Em especial numa região desigual como o Nordeste, ter essas variáveis em mente é ainda mais prioritário para ambicionar os necessários avanços e garantias para a prática de um jornalismo que contribua com a emancipação da sociedade — aí incluída a própria categoria profissional que protagoniza essa atividade.



Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ANTUNES, R. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.

BARROS, J. V.; MARQUES, A. F.; KINOSHITA, J.; MOLIANI, J. A.; SILVA, N. R.; GROHMANN, R. A plataformização do trabalho jornalístico: dimensões, regime de publicação e agenda de pesquisa. Avatares de la comunicación y la cultura, n. 21, p. 1-21, 2021. ARK: <http://id.cai-cyt.gov.ar/ark:/s18535925/kvf39ktoa>. Acesso em 10 jun. 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. A crise do jornalismo tem solução? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. Patricia Hill Collins, Sirma Bilge. 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, R R.; SILVA, N.R.; ARAÚJO, M.C.B.; LIMA, R.C.B. Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

FIGARO, R. (Org.). Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. São Paulo: ECA USP, 2021. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

FIGUEIREDO, Carlos; BOLAÑO, César. Do Profissional ao Trabalhador: A Identidade do Jornalista nas Teorias Brasileiras. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, v. 16, 2018.



HUWS, Ursula. A formatação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real. Unicamp, 2017.

LIMA, Samuel (coord. geral); MICK, Jacques; et.al. Perfil do jornalista brasileiro 2021 : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral) ; Jacques Mick ... [et al.]. 1. ed. Florianópolis : Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisa-PerfilJornalistas2022x2.pdf>> Acesso em 23 de janeiro de 2023

MICK, Jacques. KIKUTI, Andressa. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. Revista Plural. São Paulo, v.27.2, ago./set., 2020, p.210-239.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Racismo brasileiro: Uma história da formação do país / Ynaê Lopes dos Santos. — I. ed. — São Paulo : Todavia, 2022."

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.